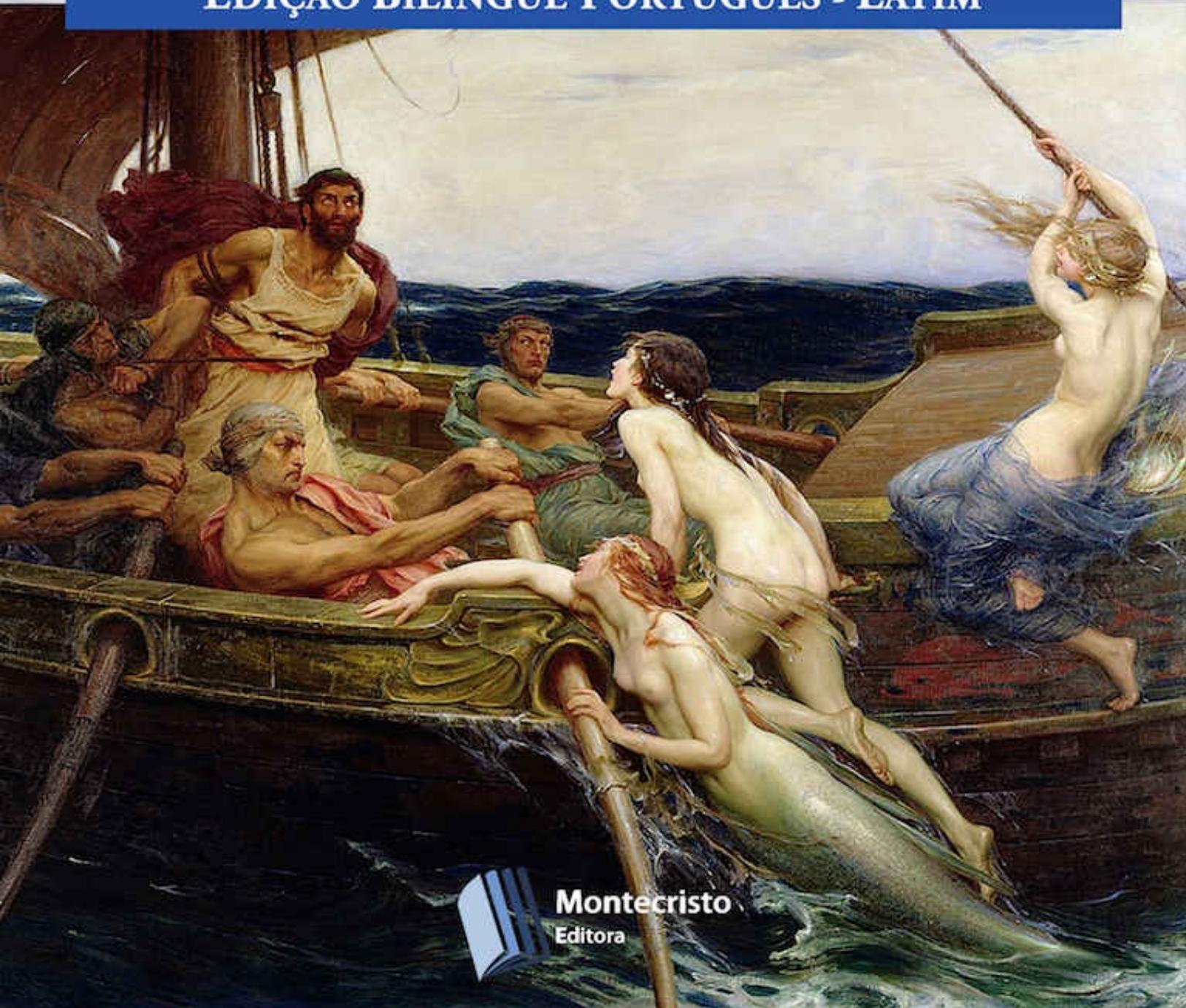


**SÊNECA**

# A VIDA FELIZ DE VITA BEATA

**EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM**



**Montecristo**  
Editora

SÊNECA

*“Uma vida feliz é aquela que está de acordo com sua própria natureza”*

A Vida Feliz

*Tradução, introdução e notas de*  
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo  
Editora

©2018 Copyright Montecristo Editora

# LÚCIO ANEU SÊNECA

## A Vida Feliz

*AD GALLIONEM, DE VITA BEATA*

Lucius Annaeus Seneca

**Supervisão de Editoração/Capa**

Montecristo Editora

**Tradução**

Alexandre Pires Vieira

**Original em Latim**

The Latin Library

**Imagem da Capa**

"Ulysses and the Sirens", por Draper Herbert James

**ISBN:**

978-1-61965-129-6 – Edição Digital

**Montecristo Editora Ltda.**

**e-mail:** editora@montecristoeditora.com.br



**Montecristo**  
Editora

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**SÊNECA**

**A Vida Feliz** / Sêneca; introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*. –  
São Paulo, SP : Montecristo Editora, 2018.

**Título original:** AD GALLIONEM, DE VITA BEATA

**ISBN:** 978-1-61965-129-6

1. Conduta de vida. 2. estoicos. 3. estoicismo. 4. Ética 5. Felicidade

CDD-188

# Introdução – Nota do tradutor

## A Vida Feliz

O ensaio **A Vida Feliz** foi escrito por volta do ano 58 dC., destinado ao seu irmão mais velho, Gálio, a quem Sêneca também dedicou também seu diálogo De Ira ("Sobre a Ira"). Sêneca explica que a busca da felicidade é a busca da razão.

A principal coisa a entender sobre o texto é o próprio título: '**Feliz**' aqui não tem a conotação moderna de se sentir bem, mas é o equivalente da palavra grega eudaimonia, que é melhor compreendida como uma vida digna de ser vivida, um estado de plenitude do ser. Para Sêneca e para os estoicos, a única vida que vale a pena ser vivida é aquela de retidão moral, o tipo de existência à qual olhamos no final e podemos dizer honestamente que não nos envergonhamos.

Logo no primeiro parágrafo Sêneca dá a linha da argumentação estoica: Não devemos ter a felicidade como objetivo: *“não é fácil alcançar a felicidade já que quanto mais avidamente um homem se esforça para alcançá-la mais ele se afasta”*. A solução é ter como objetivo a virtude. A felicidade será consequência.

No ensaio Sêneca faz grande oposição ao epicurismo, corrente filosófica que valoriza o prazer como fonte de felicidade, como vemos no capítulo X: *“Você se dedica aos prazeres, eu os controlo; você se entrega ao prazer, eu o uso; você pensa que é o bem maior, eu nem penso que seja bom: por prazer não faço nada, você faz tudo.”* No XV, Sêneca explica por que não se pode simplesmente associar a virtude ao prazer. O problema é que, mais cedo ou mais tarde, o prazer o levará a territórios não virtuosos: *“Você não oferece à virtude uma base sólida e imóvel se você a colocar sobre o que é instável”*.

O capítulo XX fornece uma lista de regras pelas quais Sêneca está tentando viver. Vale a pena considerá-las na íntegra:

- Eu vou encarar a morte ou a vida a mesma expressão de semblante;
- Eu desprezarei as riquezas quando as tiver tanto quanto quando não as tiver;
- Verei todas as terras como se pertencessem a mim, e as minhas terras como se pertencessem a toda a humanidade;
- Seja o que for que eu possua, eu não vou acumulá-lo avidamente nem o desperdiçar de forma imprudente;
- Não farei nada por causa da opinião pública, mas tudo por causa da consciência;
- Ao comer e beber, meu objetivo é extinguir os desejos da natureza, não encher e esvaziar minha barriga;
- Eu serei agradável com meus amigos, gentil e suave com meus inimigos;
- Sempre que a Natureza exigir minha vida, ou a razão me pedir que a rejeite, vou desistir desta vida, chamando a todos para testemunhar que amei uma boa consciência e boas atividades;

A profundidade do pensamento, a vivacidade do estilo e os ricos exemplos que o filósofo apresenta para confirmar suas teses tornam a leitura de “**A Vida Feliz**” extremamente prazerosa.

## Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada em versões em inglês, principalmente no trabalho de Aubrey Stewart (Bohn's Classical Library Edition). A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão deste trabalho: 1. “*Moral Letters to Lucilius by Seneca*” por Richard Mott Gummere<sup>1</sup>; 2. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome* por Brad Inwood<sup>2</sup>; 3. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy*<sup>3</sup> por William Braxton Irvine; 4. *Seneca - Selected Letters* por Elaine Fantham<sup>4</sup>

Poucas observações sobre a tradução são necessárias. No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções referidas anteriormente os editores decidiram também usar a segunda pessoa. Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo, como consequência toda a tradução foi feita em terceira pessoa. O ensaio termina de forma bastante abrupta e no original é seguido pelo manuscrito de *De Otio*, que está faltando seu começo.

O termo “*fortuna/fortunae*”, para o autor latino, se assemelha à nossa “sorte” ou “destino”, mas era também uma divindade: o nome comum e o nome próprio são dificilmente distinguíveis nas cartas, portanto, decidi usar sempre “fortuna”.

A imagem da capa, *Ulises e as Sereias* foi usada para ilustrar a falha comum nos dias de hoje: Caimos no canto das sereias e perseguimos prazeres achando que eles nos levarão a felicidade.

Que este livro o sirva como amigo, professor e companheiro.

Espero que gostem tanto quanto eu,

**Alexandre Pires Vieira**

**Viena, Agosto de 2018**

---

## Sobre o autor

**Lúcio Aneu Sêneca**, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de

outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

## Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)

- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

---

## NOTAS:

- 1 Moral Letters to Lucilius
- 2 Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome
- 3 A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy
- 4 Seneca - Selected Letters

# Da Vida Feliz

## I

1. Todos os homens, irmão Gallio, desejam viver felizes, mas são lentos em perceber exatamente o que é que torna a vida feliz: e não é fácil alcançar a felicidade já que quanto mais avidamente um homem se esforça para alcançá-la mais ele se afasta, pois, se ele tomar o caminho errado, já que isso o leva na direção oposta, sua rapidez o atrasa ainda mais. Devemos, portanto, primeiro definir claramente o que é o nosso objetivo: em seguida, devemos considerar por qual caminho podemos alcançá-lo mais rapidamente, pois em nossa própria jornada, desde que seja feita na direção certa, percebemos o progresso feito a cada dia quanto mais nos aproximamos do objetivo para o qual nossos desejos naturais nos impelem.

2. Mas enquanto vagarmos ao acaso, não seguindo nenhum guia, exceto os gritos e clamores discordantes daqueles que nos convidam a seguir em direções diferentes, nossa curta vida será desperdiçada em vagareios inúteis, mesmo que trabalhemos dia e noite. Não vamos, portanto, decidir para onde devemos tender, e por qual caminho, sem o conselho de alguma pessoa experiente que explorou a região na qual estamos prestes a entrar, porque essa jornada não está sujeita às mesmas condições que outras; pois nestas alguma pista distintamente marcada e indagações feitas aos nativos impossibilitam que erremos, mas aqui as trilhas mais batidas e freqüentadas são aquelas que nos desviam do caminho.

3. Nada, portanto, é mais importante do que não sermos como ovelhas a seguir o rebanho que se foi antes de nós, e assim proceder não para onde devemos, mas para onde o resto está indo. Agora, nada nos traz problemas maiores do que nossa subserviência a boatos comuns, e nosso hábito de pensar que essas coisas populares são as melhores, aceitar falsificações por

coisas realmente boas e viver não pela razão, mas pela imitação de outros.

4. Essa é a causa desses grandes amontoados em que os homens correm até se empilharem uns sobre os outros. Em uma grande multidão de pessoas, quando a multidão se pressiona, ninguém pode cair sem atrair alguém sobre ele, e aqueles que vão antes causam a destruição daqueles que os seguem. Você pode observar a mesma coisa na vida humana: ninguém pode simplesmente errar sozinho, mas devem se tornar tanto as causas quanto conselheiros do erro de outras pessoas. É prejudicial seguir a marcha daqueles que nos precederam, e como cada um prefere acreditar em outra que não a sua própria opinião, nunca apresentamos um julgamento deliberado sobre a vida, mas algum erro tradicional sempre nos estorva e nos leva à ruína, e nós perecemos porque seguimos os exemplos de outros homens: poderíamos ser curados disso se nos desvinculássemos do rebanho; mas como é, a turba está pronta para lutar contra a razão em defesa de seu próprio erro.

5. Conseqüentemente, acontece o mesmo nas eleições, onde, quando a brisa inconstante do favor popular decide, aqueles que foram escolhidos como cônsules e pretores são vistos com admiração pelos próprios homens que os elegeram. Que todos nós devemos aprovar e desaprovar a mesma coisa é o resultado de toda decisão que é dada de acordo com a voz da maioria.

## II

1. Quando estamos considerando a vida feliz, você não pode me responder como em uma votação no Senado "Esta visão tem mais defensores"; porque, por essa mesma razão, é a pior delas: as coisas não estão tão bem com a humanidade para supormos que a maioria prefira o melhor caminho; quanto mais as pessoas fazem algo, pior é provável que seja.

2. Vamos, portanto, inquirir, não o que é mais popularmente feito, mas o que é melhor para nós fazermos, e o que nos colocará na posse da felicidade imortal, não o que é aprovado pelos vulgares, os piores expoentes possíveis da verdade. Por "vulgo" quero dizer tanto aqueles que usam Clâmides como aqueles que usam coroas<sup>1</sup>; pois não considero a cor das roupas com as quais estão cobertos: não confio em meus olhos para dizer o que um homem é: tenho uma luz melhor e mais digna de confiança pela qual posso distinguir o que é verdadeiro do que é falso: deixe a mente descobrir o que é bom para a mente. Se um homem permite a sua mente algum espaço para respirar e tem tempo para se comunicar consigo mesmo, que verdades ele confessará para si mesmo, depois de ter sido submetido à tortura por si próprio!

3. Ele dirá: "Tudo o que eu fiz até agora, gostaria que fosse desfeito: quando penso sobre o que eu disse, invejo pessoas estúpidas: tudo o que eu tenho desejado parece ter sido o que meus inimigos orariam cair sobre mim: bom céu, quão mais suportável é o que temia do que aquilo que cobicei. Estive na inimizade de muitos homens e troquei minha aversão por amizade, se pode existir amizade entre homens maus: ainda não a tenho comigo próprio. Me esforcei com todas as minhas energias para elevar-me acima da multidão, e para me tornar notável por algum talento: o que eu fiz, salvo fazer de mim um alvo para as flechas de meus inimigos, e mostrar àqueles quem me odeiam onde me ferir?

4. Você vê aqueles que elogiam sua eloquência, que cobiçam sua riqueza, que cortejam seu favor ou que se gabam de seu poder? Todos estes são, ou,

o que dá na mesma, podem ser seus inimigos: o número daqueles que o invejam é tão grande quanto o daqueles que o admiram; por que eu não prefiro procurar alguma coisa boa que eu possa usar e sentir, não uma que eu possa mostrar? Essas coisas boas que os homens olham maravilhados, as quais se juntam para ver, que apontam com admiração sem palavras, são exteriormente brilhantes, mas dentro delas estão as misérias daqueles que as possuem.

## III

1. Procuremos por alguma bênção, que não apenas pareça boa mas que seja boa e sólida ao mesmo modo, e mais bela nas partes menos vistas: vamos descobrir isso. Não está muito longe de nós; pode ser descoberto: tudo o que é necessário é saber para onde estender a mão: mas, como é, nós nos comportamos como se estivéssemos no escuro, e tateamos além do que está mais próximo de nós, tropeçando contra as mesmas coisas que nós procuramos.

2. No entanto, para que eu não possa leva-lo a digressões, vou deixar de fora as opiniões de outros filósofos, porque levaria muito tempo para expor e refutar todos eles: tomemos os nossos. Quando, porém, digo "nossos", não me comprometo com nenhum dos chefes da escola estoica, pois também tenho o direito de formar minha própria opinião. Seguirei, portanto, a autoridade de alguns deles, mas pedirei a alguns outros que dividam suas proposições<sup>2</sup>, talvez, quando depois de ter relatado todas as suas opiniões, me perguntarem pela minha própria, eu não impugnarei nenhuma das decisões predecessoras, e direi: "Eu também vou acrescentar um pouco a elas."

3. Enquanto isso, sigo a natureza, que é um ponto sobre o qual todos os filósofos estoicos concordam: a verdadeira sabedoria consiste em não se separar da natureza e moldar nossa conduta de acordo com suas leis e modelo. Uma vida feliz, portanto, é aquela que está de acordo com sua própria natureza, e não pode ser realizada a menos que em primeiro lugar a mente seja sã e permaneça sem interrupção, e em seguida que seja ousada e vigorosa, suportando todas as coisas com coragem admirável, adaptada aos tempos em que vive, cuidadosa com o corpo e seus pertences, mas não com cuidado extremo. Deve também dar o devido valor a todas as coisas que adornam nossas vidas, sem superestimar qualquer uma delas, e deve poder desfrutar da generosidade da Fortuna sem se tornar sua escrava.

4. Você entende, sem que eu tenha mencionado, que uma calma e liberdade ininterruptas se seguem, quando afastamos todas as coisas que nos excitam ou nos assustam: pois no lugar de prazeres sensuais e aqueles assuntos (\*\*\*) que estão relacionados com os crimes mais vis, assim, obtemos uma alegria imensa, imutável e equitativa, juntamente com a paz, a calma, a grandeza de espírito e a bondade: pois toda a selvageria é um sinal de fraqueza.

## IV

1. Nosso bem maior também pode ser definido de outro modo, ou seja, a mesma idéia pode ser expressa em linguagem diferente. Exatamente como um mesmo exército pode ser estendido mais amplamente em um tempo, em outro contraído em uma pequena área, e pode ser curvado em alas, ou traçado em linha reta, enquanto, em qualquer figura que seja, sua força e lealdade permanecem inalteradas; assim também nossa definição do bem maior pode, em alguns casos, ser expressa difusamente e com grande extensão, enquanto em outros é colocada em uma forma curta e concisa.

2. Assim, chegaremos à mesma conclusão, se eu disser "O bem maior é uma mente que despreza os acasos da fortuna e tem prazer na virtude": ou "É uma força invencível da mente, conhecendo bem o mundo, gentil em suas relações, mostrando grande cortesia e consideração por aqueles com quem é posta em contato." Ou podemos optar por defini-lo chamando de homem feliz aquele que conhece o bem e o mal apenas na forma de mentes boas ou más: quem valoriza a honra e está satisfeito com sua própria virtude, que não é pomposo na boa sorte nem abatido pela má fortuna, que não conhece outro bem além do que é capaz de conceder a si mesmo, cujo verdadeiro prazer está em desprezar os prazeres.

3. Se você optar por continuar essa digressão, poderá colocar essa mesma idéia em muitas outras formas, sem prejudicar ou enfraquecer seu significado: pois o que impede que digamos que uma vida feliz consiste em uma mente livre, reta, destemida e resoluta, além da influência do medo ou do desejo, que não considera nada bom exceto a honra, e nada de ruim exceto a desonestidade, e considera tudo o mais como uma massa de detalhes mesquinhos que não podem acrescentar nada nem tirar nada da felicidade da vida, mas que vêm e vão sem aumentar ou diminuir o bem maior?

4. Um homem desses princípios, quer ele queira ou não, deve ser

acompanhado por uma alegria contínua, uma felicidade elevada, que vem de fato do alto porque ele se deleita com o que tem e não deseja maiores prazeres do que aqueles que seu lar proporciona. Veja, por outro lado, quão maligna e culpada é a escravidão que o homem é forçado a servir, aquele que é dominado por prazeres e dores, esses mestres mais indignos de confiança. Devemos, portanto, escapar deles para a liberdade.

5. Nada nos concederá mais que o desprezo à Fortuna; mas, se alcançarmos isso, então surgirão aquelas bênçãos inestimáveis, a tranquilidade de uma mente que está em repouso em um porto seguro, suas elevadas imaginações, seu grande e estável prazer em eliminar erros e aprender a conhecer a verdade, sua cortesia e sua alegria, em todos estes devemos nos deleitar, não os considerando como coisas boas, mas procedendo do próprio bem do homem.

## V

1. Já que comecei a fazer minhas definições de forma bastante ampla, pode ser chamado de "feliz" aquele que, graças à razão, deixou de desejar ou temer: mas as rochas também não sentem medo nem tristeza, nem o gado, mas ninguém chamaria essas coisas de felizes porque não podem compreender o que é felicidade.

Junto com eles você pode classificar os homens cuja natureza estúpida e falta de autoconhecimento os reduz ao nível do gado, meros animais: não há diferença entre um e outro, porque os últimos não têm razão, enquanto os primeiros têm apenas uma forma corrompida disso, tortuosa e voltada contra a própria ferida. Pois ninguém pode ser considerado feliz que esteja além da influência da verdade: e, conseqüentemente, uma vida feliz é imutável e está fundamentada em um discernimento verdadeiro e confiável; pois a mente não é contaminada e liberta de todos os males apenas quando é capaz de escapar não apenas de ferimentos, mas também de arranhões, quando sempre será capaz de manter a posição que assumiu e defendê-la mesmo contra as agressões violentas da fortuna: no que diz respeito aos prazeres sensuais, embora eles devessem cercar um por todos os lados, e usar todos os meios de agressão, tentando conquistar a mente com carícias e usar todos os estratagemas concebíveis para nos atrair seja por inteiro ou por partes, ainda assim que mortal que retém quaisquer de racionalidade gostaria de, negligenciando sua alma, dedicar-se exclusivamente aos prazeres corporais?

## VI

1. "Mas", diz o nosso adversário, "a mente também terá prazeres próprios". Deixe-a tê-los, então, e deixe-a julgar luxo e prazeres; satisfaça-se plenamente em todas as questões que dão prazeres sensuais; então, olhe para trás, para o que desfrutava antes, e com todas aquelas sensualidades passadas, frescas em sua memória, regozije-se e olhe avidamente para aqueles outros prazeres que experimentou há muito tempo, e pretende experimentar novamente, e enquanto o corpo repousa na indefesa plenitude do presente, deixe que envie seus pensamentos para o futuro, e faça um balanço de suas esperanças: tudo isso fará com que pareça, na minha opinião, ainda mais infeliz, porque é loucura escolher o mal em vez do bem: agora nenhuma pessoa insana pode ser feliz, e ninguém pode ser sensato se considera o que é injurioso como o bem maior e se empenha em obtê-lo.

2. O homem feliz, portanto, é aquele que pode fazer um julgamento correto em todas as coisas: ele é feliz em suas circunstâncias atuais, sejam elas quais forem, está satisfeito e em condições amigáveis com as condições de sua vida. Esse homem é feliz, cuja razão conduz toda a postura de seus negócios.

## VII

1. Mesmo aquelas mesmas pessoas que declaram o bem maior estar nos prazeres<sup>3</sup>, veem que posição desonrosa elas atribuíram a ele: e, portanto, dizem que o prazer não pode ser separado da virtude, e que ninguém pode viver honradamente sem viver alegremente, nem viver alegremente sem viver honrosamente. Eu não vejo como essas questões muito diferentes podem ter qualquer conexão entre si. O que há, pergunto a você, que impeça que a virtude exista além do prazer? É claro que a razão é que todas as coisas boas derivam sua origem da virtude e, portanto, mesmo aquelas coisas que você estima e busca vêm originalmente de suas raízes. No entanto, se fossem totalmente inseparáveis, não deveríamos ver algumas coisas agradáveis, mas não honradas, e outras mais honradas, mas difíceis e apenas alcançáveis pelo sofrimento.

2. Adicione a isso, que o prazer visita as vidas mais vis, mas a virtude não pode coexistir com uma vida má; no entanto, o prazer não falta a algumas pessoas infelizes, ou melhor, é devido ao prazer em si que são infelizes; e isso não poderia acontecer se o prazer tivesse alguma conexão com a virtude, enquanto a virtude muitas vezes não tem prazer e nunca precisa dela.

3. Por que vocês juntam duas coisas que são diferentes e até incompatíveis entre si? a virtude é uma qualidade sublime, nobre, real, invencível, incansável: o prazer é baixo, servil, fraco, perecível; seus lugares e casas são o bordel e a taverna. Você encontrará a virtude no templo, no mercado, na casa do Senado, cuidando das paredes, coberto de poeira, queimada pelo sol, com as mãos calejadas: você vai encontrar prazer fugindo da vista, procurando recantos obscuros nos banhos públicos, câmaras, e lugares que temem as visitas do edil<sup>4</sup>, suave, efeminado, cheirando a vinho e perfumes, pálido ou talvez pintado e cheio de cosméticos.

4. O bem maior é imortal: não conhece fim, e não admite saciedade nem

arrependimento: pois uma mente que pensa de maneira correta nunca altera ou se torna odiosa para si mesma, nem as melhores coisas sofrem alguma mudança: mas o prazer morre no momento em que mais nos encanta: não tem grande alcance e, portanto, logo nos atura e nos cansa, e desaparece assim que acaba seu primeiro impulso: de fato, não podemos depender de nada cuja natureza é mudar. Por conseguinte, nem sequer é possível que haja substância sólida naquilo que vem e vai tão depressa, e que perece pelo próprio exercício das suas próprias funções, pois chega a um ponto em que deixa de existir, e mesmo enquanto está começando sempre mantém seu fim em vista.

## VIII

1. Que resposta devemos dar à reflexão de que o prazer pertence aos homens bons e maus e que os homens maus se deleitam tanto na vergonha como os homens bons em coisas nobres? Foi por isso que os antigos nos mandaram levar a vida mais nobre, não a mais agradável, a fim de que o prazer não fosse o guia, mas o companheiro de uma mente correta e honrada; porque é da Natureza que devemos fazer nosso guia: deixe que nossa razão a observe e seja aconselhada por ela.

2. Viver feliz, então, é o mesmo que viver de acordo com a natureza: o que isso pode ser, eu explicarei. Se guardarmos as dotações do corpo e as vantagens da natureza com cuidado e destemor, como coisas que logo partirão e nos serão dadas apenas por um dia; se não caímos sob seu domínio, nem nos permitimos ser escravos do que não é parte de nosso próprio ser; se atribuímos a todos os prazeres corporais e prazeres externos a mesma posição que é ocupada por auxiliares e infantaria em um campo de batalha; se os fizemos nossos servos, não nossos senhores - então e somente então eles são de valor para nossas mentes.

3. Um homem deve ser imparcial e não ser conquistado por coisas externas: ele deve se admirar, sentir confiança em seu próprio espírito e, assim, ordenar sua vida de modo a estar pronto para a boa bem ou para a má Fortuna. Não deixe sua confiança ser sem sabedoria, nem sua sabedoria sem firmeza: que ele sempre cumpra o que ele determinou uma inicialmente, e que não haja rasura em suas doutrinas. Entender-se-á, embora eu não o acrescente, que tal homem será tranquilo e composto em seu comportamento, decidido e cortês em suas ações.

4. Que a razão seja encorajada pelos sentidos a buscar a verdade, e a partir daí retire seus primeiros princípios: na verdade, ela não tem outra base de operações ou lugar a partir da qual começar em busca da verdade: ela deve recair sobre si mesma. Mesmo o universo todo-abrangente e Deus, que é o

seu guia, se estende às coisas exteriores, e ainda assim retorna de todos os lados para si mesmo. Que nossa mente faça a mesma coisa: quando, seguindo seus sentidos corpóreos, por meio deles se envia para as coisas do mundo exterior, deixe-a permanecer ainda sua mestre e autêntica.

5. Por este meio obteremos uma força e uma capacidade que são unidas e aliadas, e derivar-se-á aquela razão que nunca para entre duas opiniões, nem é monótona na formação de suas percepções, crenças ou convicções. Tal mente, quando se ajusta em ordem, faz suas várias partes concordarem, e, se eu posso assim me expressar, harmonizá-las, alcança o bem maior: pois não tem nada de ruim ou perigoso restante, nada para abalar ou tropeçar: fará tudo sob a orientação de sua própria vontade, e nada inesperado acontecerá a ela, mas o que quer que seja feito por ela terá sucesso, e isso, também, prontamente e facilmente, sem que o agente tenha que recorrer a quaisquer dispositivos subalternos: pois uma ação lenta e hesitante são sinais de discórdia e falta de propósito estabelecido.

6. Você pode, então, corajosamente declarar que o bem maior é a unicidade da mente: pois onde concordância e unidade existem, deve haver virtudes: são os vícios que estão em guerra uns com os outros.

## IX

1. "Mas", diz o nosso adversário, "você só pratica a virtude porque espera obter algum prazer dela". Em primeiro lugar, embora a virtude possa nos proporcionar prazer, ainda não a procuramos por essa razão: pois ela não a concede, mas a concede adicionalmente, nem é o fim pelo qual ela trabalha, mas seu trabalho ganha isso também, embora seja direcionado para outro fim.

2. Como em um campo arado, quando arados para o milho, algumas flores são encontradas, e ainda assim, embora essas flores possam encantar o olho, todo esse trabalho não foi gasto para produzi-las - o homem que semeou o campo teve outro objeto em vista, ele ganhou isso adicionalmente - então o prazer não é a recompensa ou a causa da virtude, mas vem em adição a ela; nem escolhemos a virtude porque ela nos dá prazer, mas também nos dá prazer se a escolhermos.

3. O bem maior está no ato de escolhê-la e na atitude das mentes mais nobres, que, uma vez cumprida sua função e estabelecida dentro de seus próprios limites, alcança o bem maior e não precisa de mais nada: pois não há nada fora do todo, não mais do que qualquer coisa além do fim. Você está enganado, portanto, quando me pergunta por que procuro a virtude: pois está buscando algo acima do mais alto.

4. Você pergunta o que eu busco da virtude? Eu respondo: Ela mesma não tem nada melhor; ela é sua própria recompensa. Isso não parece grande o suficiente, quando eu lhe digo que o bem maior é uma força mental inabalável, sabedoria, magnanimidade, bom senso, liberdade, harmonia, beleza? Você ainda me pede algo maior, do qual estes podem ser considerados apenas como atributos? Por que você fala de prazeres para mim? Estou procurando encontrar o que é bom para o homem, não para a barriga dele; porque, os bois e baleias têm estômagos maiores.

## X

1. "Você propositalmente entende mal o que eu digo", diz ele, "pois eu também digo que ninguém pode viver agradavelmente a não ser que ele viva honradamente também, e isso não pode ser o caso de animais brutos que medem a extensão de sua felicidade com a comida disponível. Eu proclamo em voz alta e publicamente que o que chamo de uma vida agradável não pode existir sem a adição de virtude".

2. Mas quem não sabe que os maiores idiotas bebem o mais profundo desses prazeres? Ou esse vício é cheio de prazeres, e a própria mente sugere para si muitas formas perversas e viciosas de prazer? - Em primeiro lugar, a arrogância, a autoestima excessiva, a preponderância sobre os outros homens, a falta de visão, a devoção cega aos seus próprios interesses, o luxo devasso, o prazer excessivo que brota das causas mais insignificantes e infantis e também a loquacidade que sente prazer em insultar os outros, a preguiça e a decadência de uma mente obtusa que dorme sobre si mesma.

3. Todos estes são dissipados pela virtude, que colhe um homem pelo ouvido, e mede o valor dos prazeres antes que permita que sejam usados; nem atribui muita importância para aqueles que deixa passar, pois apenas permite seu uso, e sua alegria não se deve ao uso deles, mas à moderação em usá-los. "No entanto, quando a moderação diminui o prazer, isso prejudica o bem maior". Você se dedica aos prazeres, eu os controlo; você se entrega ao prazer, eu o uso; você pensa que é o bem maior, eu nem penso que seja bom: por prazer não faço nada, você faz tudo.

## XI

1. Quando digo que não faço nada por prazer, aludo àquele homem sábio, a quem somente você admite ser capaz de ter prazer: agora eu não chamo de homem sábio quem é dominado por qualquer coisa, muito menos pelo prazer: ainda, se for absorvido pelo prazer, como ele resistirá à labuta, ao perigo, às necessidades e a todos os males que cercam e ameaçam a vida do homem? Como ele suportará a visão da morte ou da dor? Como ele suportará o alvoroço do mundo e fará frente a tantos inimigos mais ativos, se for dominado por um antagonista tão efeminado? Ele fará tudo que o prazer lhe aconselhar: bem, você não vê quantas coisas o aconselhará a fazer?

2. "Não será", diz o nosso adversário, "capaz de dar-lhe algum conselho ruim, porque vem combinado com a virtude?" Mais uma vez, você não vê que tipo frágil de bem maior deve ser aquele que requer um guardião para garantir que ele seja bom? E como a virtude pode reger o prazer se ela o segue, visto que seguir é o dever de um subordinado, e de governar o de um comandante? Você coloca aquilo que comanda na retaguarda? De acordo com a sua escola<sup>5</sup>, a virtude tem o digno ofício de testador preliminar dos prazeres.

3. Veremos, no entanto, se a virtude ainda permanece virtuosa entre aqueles que a tratam com tal desprezo, pois se ela deixar sua posição adequada, ela não poderá mais manter seu nome próprio: entretanto, para manter o ponto, mostrarei a você muitos homens assediados por prazeres, homens sobre os quais a Fortuna derramou todos os seus dons, a quem você deve admitir serem homens maus.

4. Veja Nomentano e Apício, que digerem todas as coisas boas, como as consideram, do mar e da terra, e examinam em suas mesas todo o reino animal. Olhe para eles enquanto eles se deitam em canteiros de rosas, regozijando-se com seus banquetes, deliciando seus ouvidos com música,

seus olhos com exibições, seus paladares com sabores: seus corpos inteiros são estimulados com massagens suaves e calmantes, e com medo de que suas narinas fiquem ociosas, o mesmo lugar em que eles celebram<sup>6</sup> os ritos de luxo é perfumado com várias fragrâncias. Você dirá que esses homens vivem no meio de prazeres. No entanto, eles estão pouco à vontade, porque sentem prazer naquilo que não é bom.

## XII

1. "Eles estão pouco à vontade", responde ele, "porque surgem muitas coisas que distraem seus pensamentos e suas mentes estão inquietas com opiniões conflitantes". Admito que isso é verdade: ainda esses mesmos homens, tolos, inconsistentes e certos de sentirem remorsos como são, recebem grande prazer, e devemos admitir que, ao fazê-lo, estejam longe de sentir qualquer problema, de formar um julgamento correto, e que, como é o caso de muitas pessoas, elas são possuídas por uma alegre loucura e riem enquanto deliram.

2. Os prazeres dos sábios, por outro lado, são suaves, decorosos, beirando a arridez, mantidos sob restrição e quase imperceptíveis, e não são convidados a vir nem recebidos com honrarias quando vêm espontaneamente, nem são recepcionados com qualquer deleite por aqueles que visitam, que os misturam com suas vidas e preenchem espaços vazios com eles, como uma farsa divertida nos intervalos de negócios sérios.

3. Deixem que eles não mais se juntem a questões incongruentes, ou conectem prazer com virtude, um erro pelo qual cortejam o pior nos homens. O libertino imprudente, sempre alcoolizado e exalando o aroma do vinho, acredita que vive em virtude, porque sabe que vive com prazer, pois ele diz que o prazer não pode existir separado da virtude; conseqüentemente, ele proclama seus vícios com o título de sabedoria e desfila tudo o que ele deveria ocultar.

4. Assim, os homens não são encorajados por Epicuro a executar distúrbios, mas os depravados escondem seus excessos no colo da filosofia e se dirigem às escolas nas quais ouvem os elogios do prazer. Eles não consideram quão sóbrio e temperado - pois, por Hércules, acredito que seja esse "prazer" de Epicuro, mas eles apressam-se em seu mero nome, procurando obter alguma proteção e justificativa para seus vícios.

5. Eles perdem, portanto, a única virtude que sua vida maligna possui, a de ter vergonha de fazer o que é errado: pois eles elogiam aquilo em que costumavam se ruborizar e se gabam de seus vícios. Assim, a modéstia nunca pode se reafirmar, quando a preguiça vergonhosa é dignificada com um nome honrado. A razão pela qual esse louvor que sua escola esbanja sobre o prazer é tão dolorosa, é porque a parte honrosa de seu ensino passa despercebida, mas a parte degradante é vista por todos.

## XIII

1. Eu mesmo creio, embora meus camaradas estoicos não querem me ouvir, que os ensinamentos de Epicuro eram retos e sagrados, e mesmo que, se você os examinasse de maneira estreita, severa: pois esse muito falado prazer é reduzido a um grau muito restrito, e ele desejava que o prazer se submetesse à mesma lei que nós pedimos que a virtude faça - quero dizer, obedecer a natureza. Luxo, no entanto, não está satisfeito com o que é suficiente para a natureza.

2. Qual é a consequência? Quem pensa que a felicidade consiste em preguiça indolente e alternância de gula e devassidão, requer um bom patrono para uma má ação, e quando se torna um epicurista, tendo sido levado pelo atraente nome daquela escola, ele segue, não o prazer de que ouve falar, mas o que trouxe para lá, e, tendo aprendido a pensar que seus vícios coincidem com as máximas dessa filosofia, ele não se entrega neles mais timidamente e em cantos escuros, mas ousadamente na cara do dia. Eu não irei, portanto, como a maioria de nossa escola, dizer que a seita de Epicuro é a professora do crime, mas o que eu digo é: é mal falada, tem uma má reputação, e ainda assim não merece isso.

3. "Quem pode saber disso sem ter sido admitido em seus mistérios internos?" Seu lado de fora dá oportunidade para escândalos e encoraja os desejos mais vis dos homens: é como um homem corajoso vestido com um vestido de mulher: sua castidade está garantida, sua masculinidade é segura, seu corpo não é submetido a nada vergonhoso, mas sua mão segura um tambor (referência a sacerdotes de Cibele<sup>7</sup>). Escolha, então, alguma inscrição honorável para a sua escola, algum escrito que por si só despertará a mente: aquilo que atualmente está sobre a sua porta foi inventado pelos vícios.

4. Aquele que se coloca do lado da virtude dá, assim, uma prova de uma disposição nobre: aquele que segue o prazer parece estar fraco, desgastado,

degradando sua masculinidade, provavelmente caindo em vícios infames, a menos que alguém discrimine seus prazeres por ele, não consegue saber quais permanecem dentro dos limites do desejo natural, são frenéticos e ilimitados, e se tornam ainda mais insaciáveis quanto mais eles estão satisfeitos. Mas venha! deixe a virtude guiar o caminho: então cada passo será seguro. Muito prazer é doloroso: mas com virtude não precisamos ter medo de nenhum tipo de excesso, porque a moderação está contida na própria virtude.

5. Aquilo que é ferido por sua própria extensão não pode ser uma coisa boa: além disso, que melhor guia pode haver do que a razão para seres dotados pela natureza de raciocínio? Então, se essa combinação lhe agrada, se você estiver disposto a seguir para uma vida feliz assim acompanhada, deixe a virtude guiar o caminho, deixe o prazer seguir e pairar sobre o corpo como uma sombra: é característica de uma mente incapaz de grandes coisas entregar a virtude, a mais alta de todas as qualidades, como uma serva do prazer.

## XIV

1. Deixe a virtude guiar o caminho e ditar o modelo a seguir: teremos prazer mesmo assim, mas seremos seus mestres e controladores; ele pode ganhar algumas concessões de nós, mas não nos forçará a fazer nada. Pelo contrário, aqueles que permitiram que o prazer conduzisse a frente de batalha, não têm nem um nem outro: pois perdem completamente a virtude, e ainda assim não possuem prazer, mas são possuídos por ele, e ou são torturados por sua ausência ou sufocados pelo seu excesso, sendo infeliz se abandonado por ele, e ainda mais infeliz se forem dominados por ele, como aqueles que são apanhados nos bancos de areia dos Syrtes e que ao mesmo tempo são deixados em terra seca e em outro jogados pelas ondas.

2. Isso surge de uma falta exagerada de autocontrole e de um amor oculto ao mal: pois é perigoso para quem busca o mal atingir seu objetivo. Como nós caçamos bestas selvagens com labuta e perigo, e mesmo quando elas são pegas as achamos uma possessão inquietante, pois elas freqüentemente rasgam seus domadores em pedaços, assim como são grandes prazeres: eles se tornam grandes males e levam seus donos prisioneiros. Quanto mais numerosos e maiores eles são, mais inferior e escravo de muitos mestres é aquele homem que a multidão chama de homem feliz.

3. Posso até insistir mais nessa analogia: como o homem que rastreia os animais selvagens até seus covis e quem dá grande importância a<sup>8</sup>:

"Buscando com artimanha os brutamontes errantes no laço"

"Fazendo seus cães a clareira espaçosa cercar"

*laqueo captare feras  
magno aestimat et  
latos canibus circumdare saltus*

para que ele possa seguir seus passos, negligenciar coisas muito mais desejáveis e deixar muitos deveres não cumpridos, de modo que aquele que

busca prazer adia tudo por ele, desconsidera a liberdade e a sacrifica ao seu ventre; nem compra prazer para si mesmo, mas se vende ao prazer.

## XV

1. "Mas o que", pergunta o nosso adversário, "está a impedir que a virtude e o prazer sejam combinados, e um bem maior é assim formado, de modo que a honra e o prazer possam ser a mesma coisa?" Porque nada, exceto o que é honrado, pode formar uma parte da honra, e o bem maior perderia sua pureza se visse dentro de si algo diferente de sua própria melhor parte.

2. Mesmo a alegria que surge da virtude, embora seja uma coisa boa, ainda não é uma parte do bem absoluto, mais do que alegria ou paz de espírito, que são de fato boas coisas, mas que meramente seguem o bem maior, e não contribuem para a sua perfeição, embora sejam geradas pelas causas mais nobres.

3. Quem, por outro lado, forma uma aliança, entre a virtude e o prazer, obstrui qualquer força que uma possa possuir pela fraqueza da outra, e envia liberdade sob o jugo, pois a liberdade só pode permanecer inconquistável enquanto não sabe nada mais valioso do que ela mesma: pois começa a precisar da ajuda da Fortuna, o que é a mais completa escravidão: sua vida torna-se ansiosa, cheia de suspeitas, tímida, temerosa de acidentes, esperando em agonia por momentos críticos. Você não oferece à virtude uma base sólida e imóvel se você a colocar sobre o que é instável: e o que pode ser tão instável quanto a dependência do mero acaso e as vicissitudes do corpo e daquelas coisas que agem sobre o corpo?

4. Como tal homem pode obedecer a Deus e receber tudo o que acontece com um espírito alegre, nunca se queixando do destino, e pondo uma boa visão sobre tudo o que acontece a ele, se ficar agitado pelas insignificantes alfinetadas de prazeres e dores? Um homem não pode ser um bom protetor de seu país, um bom vingador de ofensas, ou um bom defensor de seus amigos, se ele estiver inclinado aos prazeres.

5. Que o bem maior, então, suba a essa altura de onde nenhuma força pode

desalojá-lo, para onde nem a dor possa ascender, nem a esperança, nem o medo, nem qualquer outra coisa que possa prejudicar a autoridade do "bem maior". Somente a virtude pode fazer o que quer: por sua ajuda, a colina deve ser escalada: ela bravamente permanecerá firme e suportará tudo o que possa acontecer a ela não apenas resignada, mas até de bom grado: ela saberá que todos os tempos difíceis vêm em obediência às leis naturais e, como um bom soldado, ela sofrerá feridas, contará cicatrizes e, quando estiver paralisada e morrendo, ainda adora o general por quem ela cai: ela terá em mente a velha máxima "Siga a Deus".

6. Por outro lado, aquele que reclama e se lamenta é, no entanto, forçosamente obrigado a obedecer às ordens, e é arrastado, por mais que seja contra sua vontade, para executá-las: mas que loucura é ser arrastado em vez de seguir? Tão grande, por Hércules, é a loucura e a ignorância de sua verdadeira posição alguém lamentar porque não tem algo ou porque algo nos causou um tratamento rude, ou ficar surpreso ou indignado com os males que recaem sobre os homens bons e os maus, quero dizer, doenças, mortes, moléstias e outros acidentes cruzados pela vida humana. 7. Assumamos com magnanimidade o que quer que seja o sistema do universo que nos seja necessário: estamos todos ligados por esse juramento: "Levar os males da vida mortal e submeter-nos com boa graça àquilo que não podemos evitar". Nós nascemos em uma monarquia: nossa liberdade é obedecer a Deus.

## XVI

1. A verdadeira felicidade, portanto, consiste na virtude: e o que essa virtude lhe oferece? Não pensar em nada de bom ou de mau que não esteja ligado nem à virtude nem à perversidade; e em segundo lugar, tanto suportar como ser inabalado pelos assaltos do mal, e, formar um deus daquilo que é bom.

2. Que recompensa ela lhe promete por esta campanha? Uma enorme e uma que eleva você ao nível dos deuses: você não estará sujeito a nenhuma restrição ou querer; você será livre, seguro, ileso; você não falhará em nada que tente; você não será excluído de nada; tudo acontecerá de acordo com o seu desejo; nenhum infortúnio lhe sobrevirá; nada deve acontecer com você, exceto o que você espera e deseja.

3. "O quê! Só a virtude é suficiente para fazer você feliz?" Por que, é claro, a virtude consumada e divina como essa não é apenas suficiente, mas mais do que suficiente: pois quando um homem é colocado fora do alcance de qualquer desejo, o que a ele pode possivelmente faltar? Se tudo o que ele precisa está concentrado em si mesmo, como ele pode exigir algo de fora? Aquele, no entanto, que está apenas no caminho da virtude, embora possa ter feito grandes progressos ao longo dele, ainda assim precisa de algum favor da fortuna enquanto ainda está lutando entre meros interesses humanos, enquanto desata esse nó e todos os laços que o ligam à mortalidade. Qual é então a diferença entre eles? É que alguns estão presos mais ou menos firmemente por esses laços, e alguns até se amarram propositalmente a eles; enquanto aquele que progrediu em direção às regiões superiores e levantou-se para cima arrasta uma corrente mais solta, e embora ainda não seja livre, ainda é tão bom quanto o livre.

## XVII

1. Se, portanto, qualquer um daqueles cães que ladram contra a filosofia fosse dizer, como costumam fazer, "Por que, então, você fala muito mais bravamente do que vive? Por que você controla suas palavras na presença de seus superiores, e considera o dinheiro como um instrumento necessário: por que você fica perturbado quando sofre perdas e chora ao ouvir a morte de sua esposa ou de seu amigo?"

2. Por que você considera os boatos comuns e se sente incomodado com fofocas caluniosas? Por que sua propriedade é mais elaboradamente mantida do que seu uso natural requer? Por que você não janta de acordo com suas próprias máximas? Por que sua mobília é mais sofisticada do que precisa? Por que você bebe vinho que é mais velho do que você? Por que você planta árvores que não produzem nada além de sombra? Por que sua esposa usa jóias em seus ouvidos do preço da casa de um homem rico? Por que seus filhos na escola estão vestidos com roupas caras? Por que é uma ciência servir por você na mesa? Por que seus talheres de prata não estão colocados de qualquer forma ou aleatoriamente? Mas estão habilmente dispostos em ordem regular, com um superintendente para presidir o corte das carnes assadas?" Adicione a isso, se quiser, as perguntas "Por que você possui propriedades no exterior? Por que você possui mais do que sabe? É uma vergonha para você não conhecer seus escravos individualmente: pois você deve ser muito negligente deles se você possui apenas alguns, ou muito extravagante se você tem muitos para a sua memória manter."

3. Acrescentarei algumas reprovações depois, e trarei mais acusações contra mim mesmo: para o presente, farei a seguinte resposta. "Eu não sou um homem sábio, e eu não serei um a fim de alimentar o seu despeito: então não exija que eu esteja no mesmo nível do melhor dos homens, mas meramente ser melhor do que o pior: eu estou satisfeito, se todo dia eu tirar algo de meus vícios e corrigir meus defeitos, não cheguei a perfeita perfeição mental, de fato, nunca chegarei a ela:

4. Compus paliativos em vez de remédios para minha gota, e estou satisfeito se os ataques vierem em um intervalo mais espaçado - e não atingir tão dolorosamente. Comparado com seus pés, que são mancos, eu sou um corredor." Eu faço este discurso, não em meu próprio nome, pois estou imerso em vícios de todo tipo, mas em nome de alguém que fez algum progresso em virtude.

## XVIII

1. "Você fala de um jeito", opõe nosso adversário ", e vive outro". Você, que é uma das mais rancorosas criaturas, você que sempre mostra o mais amargo ódio ao melhor dos homens, esse opróbrio foi lançado a Platão, a Epicuro, a Zenão: pois todos eles declararam como se deveria viver, e não como viveram.

2. Eu falo de virtude, não de mim mesmo, e quando culpo vícios, culpo o meu primeiro: quando tiver a capacidade, viverei como devo fazer: o despeito, por mais profundamente impregnado de veneno, não me manterá longe do que é melhor: aquele veneno com o qual vocês salpicam outros, com o qual você se engasga, não me impedirá de continuar a louvar aquela vida que eu de fato não conduzo, mas que eu sei que devo levar, de amor à virtude e de segui-la, embora muito atrás e com marcha hesitante.

3. Devo esperar que o mal falar respeitará qualquer coisa, visto que não respeita nem Rútílio nem Catão? Alguém se importará em ser considerado rico demais por homens para quem Diógenes, o cínico, não era pobre o suficiente? Aquele filósofo mais enérgico lutou contra todos os desejos do corpo, e foi mais pobre até do que os outros cínicos, pois além de ter desistido de possuir qualquer coisa, ele também desistiu de pedir qualquer coisa: ainda o repreendiam por não estar suficientemente necessitado: como se fosse a pobreza, não a virtude, da qual ele professava conhecimento.

## XIX

1. Eles dizem que Diodorus, o filósofo epicurista, que nestes últimos dias pôs fim à sua vida com suas próprias mãos, não agiu de acordo com os preceitos de Epicuro, cortando sua garganta: alguns preferem considerar esse ato como resultado de loucura, outros de imprudência; Ele, enquanto isso, feliz e cheio da consciência de sua própria bondade, tem dado testemunho de si mesmo por sua maneira de se afastar da vida, elogiou o repouso de uma vida passada ancorado em um porto seguro, e disse o que você não gostaria de ouvir, porque você também deveria fazê-lo.

"Eu vivi e concluí o curso que a Fortuna me deu."

*"uixi et quem dederat cursum fortuna peregi.<sup>9</sup>"*

2. Você discute sobre a vida e a morte de outra pessoa, e grita ao nome de homens que alguma qualidade peculiarmente nobre tornou grande, da mesma forma que pequenos vira-latas na abordagem de estranhos: pois é do seu interesse que ninguém pareça ser bom, como se a virtude em outro fosse uma reprovação a todos os seus crimes. Você com inveja compara as glórias dos outros com suas próprias ações sujas, e não entende em quão grande desvantagem está em se arriscar a fazê-lo: pois se os que seguem a virtude são gananciosos, lascivos e gostam de poder, o que você deve fazer? Quem odeia o próprio nome da virtude?

3. Você diz que ninguém age de acordo com suas declarações, ou vive de acordo com o padrão que estabelece em seus discursos: que maravilha, visto que as palavras que eles falam são corajosas, gigantescas e capazes de suportar todas as tempestades que destroem a humanidade, enquanto eles mesmos estão lutando para se afastar das cruzes em que cada um de vocês está dirigindo seu próprio prego. No entanto, homens que são crucificados estão pendurados em um único poste, mas aqueles que se punem são divididos entre tantas cruzes quanto têm cobiça, mas mesmo assim são dados a falar mal, e são tão magníficos em desprezar os vícios dos outros

que eu deveria supor que não tivessem nenhum deles, não fosse que alguns criminosos, quando no cadafalso, cospem nos espectadores.

## XX

1. "Os filósofos não levam a efeito tudo o que ensinam". Não; mas são muito bem-sucedidos por seus ensinamentos, pelos pensamentos nobres que concebem em suas mentes: de fato, poderiam agir de acordo com suas palavras: o que poderia ser mais feliz? Mas, entretanto, você não tem o direito de desprezar boas palavras e corações cheios de bons pensamentos. Os homens merecem elogios por se envolverem em estudos lucrativos, mesmo que parem de produzir resultados.

2. Por que precisamos nos perguntar se aqueles que começam a escalar um caminho íngreme não conseguem subir muito alto? Contudo, se você for homem, olhe com respeito para aqueles que tentam grandes coisas, mesmo que caiam. É o ato de um espírito generoso de comparar seus esforços não a sua própria força, mas à da natureza humana, a ter objetivos elevados e a conceber planos que são vastos demais para serem levados à execução mesmo por aqueles que são dotados de gigantescos intelectos, que dão para si as seguintes regras:

3. "Eu vou olhar para a morte ou para uma comédia com a mesma expressão de semblante: Vou me submeter a trabalhos, por maiores que sejam, apoiando a força do meu corpo pela da minha mente. Eu desprezarei as riquezas quando as tiver tanto quanto quando não as tiver, se estiverem em outro lugar, não serei mais sombrio, se elas brilharem ao meu redor, não serei mais alegre do que deveria ser: se a Fortuna vem ou não tomarei conhecimento dela: verei todas as terras como se pertencessem a mim, e as minhas terras como se pertencessem a toda a humanidade: viveremos a ponto de lembrar que nasci para os outros e agradecerei à natureza por conta disso: de que forma ela poderia ter sido melhor para mim? Ela me deu para todos e todos para mim sozinho.

4. Seja o que for que eu possua, eu não vou acumulá-lo avidamente nem o desperdiçar de forma imprudente. Eu pensarei que não tenho posses tão

reais quanto aquelas que eu entreguei a pessoas merecedoras: Eu não considerarei benefícios por sua magnitude ou número, ou por qualquer coisa exceto o valor colocado sobre eles pelo receptor: Eu nunca considerarei um presente como extravagantemente grande se for concedido a um receptor digno. Não farei nada por causa da opinião pública, mas tudo por causa da consciência: sempre que faço qualquer coisa sozinho, acredito que os olhos do povo romano estão sobre mim enquanto eu o faço.

5. Ao comer e beber, meu objetivo é extinguir os desejos da natureza, não encher e esvaziar minha barriga. Eu serei agradável com meus amigos, gentil e suave com meus inimigos: eu concederei o perdão antes de me pedirem, e satisfarei os desejos dos homens honrados no meio do caminho: Eu terei em mente que o mundo é minha cidade natal, que seus governantes são os deuses e que eles estão acima e ao meu redor, criticando o que eu faço ou digo. Sempre que a Natureza exigir minha vida, ou a razão me pedir que a rejeite, vou desistir desta vida, chamando a todos para testemunhar que amei uma boa consciência e boas atividades; que a liberdade de ninguém, a minha menos ainda, foi prejudicada através de mim. "Aquele que estabelecer essas regras para sua vida se elevará e se esforçará para chegar aos deuses: em verdade, mesmo que falhe, este ainda:

**"Falha em uma alta empreitada.<sup>10</sup>"**

6. Mas vocês, que odeiam tanto a virtude como aqueles que a praticam, não fazem nada que nos surpreenda, pois as luzes fracas não suportam o sol, as criaturas noturnas evitam o brilho do dia e, ao amanhecer, ficam desorientadas e voltam juntas a seus covis: criaturas que temem a luz se escondem em fendas. Então, coaxe, e exercite suas miseráveis línguas em reprovar bons homens: abra bem suas mandíbulas, morda com força: você quebrará muitos dentes antes de causar qualquer impressão.

## XXI

1. "Mas como é que este homem estuda filosofia e, no entanto, vive a vida de um homem rico? Por que ele diz que a riqueza deve ser desprezada e ainda a possui? Que a vida deve ser desprezada e ainda vive? Que a saúde deve ser desprezada, e ainda guardá-a com o máximo cuidado, e deseja que seja tão bom quanto possível? Ele considera banimento ser indiferente, e diz: "Que mal há em mudar de um país para outro?"

2. E ainda, se permitido, ele não envelhece em sua terra natal? Declara que não há diferença entre mais tempo e menos tempo, e ainda, se não for impedido, prolonga sua vida e floresce em uma velhice tranquila?" Sua resposta é que estas coisas devem ser desprezadas, não que não deva possuí-las, mas que não deve possuí-las com medo e tremor: não as afasta dele, mas quando elas o deixam, ele segue despreocupadamente. Onde, de fato, a fortuna pode investir riquezas com mais segurança do que em um lugar de onde elas sempre podem ser recuperadas sem qualquer briga com seu administrador?

3. Marcos Catão, quando elogiava Curius e Coruncanius e aquele século em que a posse de algumas pequenas moedas de prata era uma ofensa punida pelo Censor, possuía quatro milhões de sestércios; uma fortuna menor, sem dúvida, que a de Crassus, mas maior que a de Catão, o Censor<sup>11</sup>.

4. Se as quantias fossem comparadas, ele superaria seu bisavô ainda mais do que ele próprio fora superado por Crasso, e se ainda assim maiores riquezas tivessem surgido, ele não as teria rejeitado: pois o homem sábio não se considera indigno de qualquer chance se apresenta: ele não ama riquezas, mas prefere tê-las; ele não as recebe em seu espírito, mas apenas em sua casa: nem ele joga fora o que ele já possui, mas o mantém, e está disposto que sua virtude receba um assunto maior para o seu exercício.

## XXII

1. Quem pode duvidar, entretanto, que o homem sábio, se ele é rico, tem um campo mais amplo para o desenvolvimento de seus potenciais do que se ele é pobre, visto que no último caso a única virtude que ele pode exibir é a de não ser pervertido nem esmagado pela sua pobreza, enquanto que, se ele tiver riquezas, terá um vasto campo para a exibição de temperança, generosidade, laboriosidade, disposição metódica e grandeza.

2. O homem sábio não desprezará a si mesmo, por menor que seja a sua estatura, mas mesmo assim desejará ser alto: embora seja débil e caolho, pode gozar de boa saúde, mas preferiria ter força corporal, e isso também, enquanto ele sabe o tempo todo que ele tem algo que é ainda mais poderoso: ele suportará doença, e esperará por boa saúde: pois algumas coisas, embora possam ser ninharias comparadas com a soma total, e embora elas podem ser tiradas sem destruir o bem principal, mas acrescentar um pouco àquela alegria constante que surge da virtude.

3. As riquezas encorajam e iluminam tal homem, assim como um marinheiro fica encantado com um vento favorável que o leva a caminho, ou quando as pessoas sentem prazer em um belo dia ou em um local ensolarado no tempo frio.

4. Que homem sábio, quero dizer, da nossa escola, cujo único bem é a virtude, pode negar que mesmo essas questões que chamamos de indiferentes têm em si um certo valor, e que algumas delas são preferíveis a outras? Pois algumas delas, mostramos uma certa quantidade de respeito e, para algumas outras, muito. Portanto, não cometa nenhum erro: as riquezas pertencem à classe das coisas desejáveis. "Por que então", você diz, "você ri de mim, já que você as coloca na mesma posição que eu?"

5. Você deseja saber quão diferente é a posição em que as colocamos? Se as minhas riquezas me deixarem, não levarão consigo nada além de si mesmas:

já vocês ficarão desnorteadas e parecerão ficar fora de si se as perderem: comigo as riquezas ocupam um certo lugar, mas com você elas ocupam lugar mais alto de todos. Em suma, minhas riquezas pertencem a mim, você pertence às suas riquezas.

## XXIII

1. Deixe, então, de proibir os filósofos de possuírem dinheiro: ninguém condenou a sabedoria à pobreza. O filósofo pode possuir ampla riqueza, mas não possuirá riqueza que tenha sido arrancada de outro, ou que esteja manchada com o sangue de outra pessoa: ela deve ser obtida sem prejudicar qualquer homem e sem que ela seja obtida por meios vis; deve ser honrosamente acessível e honrosamente gasta, e deve ser tal que o rancor só possa despreza-la.

2. Eleve-a para qualquer figura que queira, ainda assim será uma posse honrosa, se, embora inclua muito que todo homem gostaria de chamar de seu, não haverá nada que alguém possa dizer que seja seu. Tal homem não perderá seu direito ao favor da Fortuna, e nem se gabará de sua herança nem se ruborizará por ela se ela for honrosamente adquirida: ainda assim ele terá alguma coisa de que se gabar, se ele abrir sua casa, para que todos os seus os conterrâneos a vejam e digam: "Se alguém reconhece aqui alguma coisa pertencente a si, que leve".

3. Que grande homem, quão rico ele será, se depois desse discurso ele possuir tanto quanto antes! Eu digo, então, que se ele puder, com segurança e confiança, submeter suas contas ao escrutínio do povo, e ninguém puder encontrar nelas qualquer item sobre o qual possa deitar as mãos, tal homem poderá ousadamente e de modo não escravizado desfrutar de suas riquezas. O homem sábio não permitirá que um único centavo mal-ganho cruze seu limiar: ainda assim ele não recusará ou fechará sua porta contra grandes riquezas, se elas são o presente da fortuna e o produto da virtude: que razão ele tem para refutá-las?

4. Que venham e sejam seus convidados; ele não se vangloriará nem esconderá: é um tolo, um espírito covarde e insignificante, que, por assim dizer, esconde uma boa coisa em seu colo. Nem, como eu disse antes, as expulsará de sua casa: pois o que ele dirá? Ele dirá: "Você é inútil" ou "Eu

não sei usar riquezas?" Como é capaz de realizar uma jornada sobre seus próprios pés, mas ainda preferir montar uma carruagem, só assim ele será capaz de ser pobre, mas desejará ser rico; ele possuirá riqueza, mas a verá como uma possessão incerta que um dia voará para longe dele. Ele não permitirá que isso seja um fardo para si mesmo ou para qualquer outra pessoa: ele a dará - por que você tapa os ouvidos? Por que você abre os seus bolsos? Ele as entregará a bons homens ou àqueles que possam transformar em bons homens.

5. Ele a dará depois de se esforçar ao máximo para escolher aqueles que estão mais aptos a recebê-la, como alguém que tem em mente que deve dar conta do que gasta e do que recebe. Ele dará por boas razões e louváveis, pois um presente mal concedido conta como uma perda vergonhosa: ele terá um bolso facilmente aberto, mas não com um buraco, de modo que muito possa ser retirado dele, mas nada pode cair fora.

## XXIV

1. Aquele que acredita ser fácil, está enganado: oferece grandes dificuldades, se dermos nossa recompensa racionalmente e não a dispersar impulsivamente e ao acaso. Eu faço a este homem um serviço, eu recompenso um bom feito a mim por aquele: eu ajudo este outro, porque tenho pena dele: este homem, mais uma vez, eu ensino para não ser objeto da pobreza ou que se degrade. Eu não darei nada a alguns homens, embora eles estejam em falta, porque, mesmo que eu lhes dê, eles ainda estarão em falta: eu ofertarei minha recompensa para alguns, e empurrarei à força sobre os outros: Eu não posso estar negligenciando meus próprios interesses enquanto estou fazendo isso: em nenhum momento eu faço mais pessoas em dívida do que quando estou dando coisas.

2. "O que?" você diz: "você dá para receber de volta?" De qualquer forma, eu não dou para que eu possa jogar fora minha recompensa: o que eu dou deve ser colocado de tal modo que, embora eu não possa pedir seu retorno, ainda assim pode ser devolvido a mim. Um benefício deve ser investido da mesma maneira que um tesouro enterrado, que você não cavaria a menos que fosse realmente obrigado.

3. Por que, que oportunidades conferir benefícios a mera casa de um homem rico oferece? Pois quem considera um comportamento generoso devido apenas àqueles que usam a toga? A natureza me pede que faça o bem à humanidade - que diferença faz se são escravos ou livres, nascidos livres ou emancipados, se sua liberdade é legalmente adquirida ou concedida por acordo entre amigos? Onde quer que haja um ser humano, há uma oportunidade para um benefício: conseqüentemente, o dinheiro pode ser distribuído até mesmo dentro da própria família, e um campo pode ser encontrado lá para a prática da liberdade, que não é assim chamada porque é nosso dever aos homens livres, mas porque ela surge em uma mente livre. No caso do homem sábio, isso nunca recai sobre os recipientes vis e indignos, e nunca se torna exaurido, sempre que encontra um objeto digno,

fluir como se seu estoque fosse ilimitado. Portanto, você não tem motivos para entender mal a linguagem honrosa, corajosa e espirituosa que ouve daqueles que estão estudando a sabedoria: e antes de tudo observe isso, que um estudante de sabedoria não é a mesma coisa que um homem que se fez perfeito em sabedoria. O primeiro dirá a você: "Na minha fala eu expressei os sentimentos mais admiráveis, mas ainda estou me envolvendo em incontáveis males.

4. Você não deve me obrigar a agir de acordo com as minhas regras: no presente eu estou me formando, moldando-me e me esforçando para elevar-me ao auge de um grande exemplo. Se eu tiver sucesso em realizar tudo o que me propuz a realizar, você poderá exigir que minhas palavras e ações correspondam. " Mas aquele que alcançou o ápice da perfeição humana lidará com você de outra maneira, e dirá: "Em primeiro lugar, você não tem nada que se permitir a julgar seus superiores:" Eu já obtive uma prova de minha retidão em ter me tornado um objeto de antipatia por maus homens: no entanto, para trazer a você uma resposta racional, a qual eu não recuso a ninguém, ouça o que declaro e a que prezo valorizo todas as coisas. As riquezas, eu digo, não são boas; porque, se fossem, tornariam os homens bons; agora, visto que o que se encontra entre os homens maus não pode ser considerado bom, não lhes permito que sejam chamados assim; no entanto, reconheço que são desejáveis e úteis e que contribuem grandemente para nossas vidas.

## XXV

1. Aprenda, então, já que ambos concordamos que são desejáveis, qual é minha razão entre contá-las entre coisas boas, e em que aspectos eu deveria me comportar de maneira diferente de você se as possuísse. Coloque-me como mestre na casa de um homem muito rico: coloque-me onde o peitoral de ouro e prata é usado para os propósitos mais comuns; não pensarei mais de mim mesmo por causa de coisas que, embora estejam em minha casa, ainda não fazem parte de mim.

2. Leve-me para a ponte Sublício<sup>12</sup> e ponha-me ali entre os mendigos: Não me desprezarei porque estou sentado entre os que estendem as mãos para a esmola: pois o que pode a falta de um pedaço de pão aquele que não tem o poder de morrer? Bem então? Eu prefiro a magnífica casa à ponte do mendigo. Coloque-me entre móveis magníficos e todos os utensílios de luxo: não me considerarei mais feliz porque meu manto é macio, porque meus convidados descansam em púrpura. Mude a cena: não serei mais infeliz se minha cabeça cansada repousar sobre um fardo de feno, se eu me deitar em cima de uma almofada da arena, com todo o enchimento a ponto de sair através de suas manchas de tecido puído.

3. Bem então? Eu prefiro, no que diz respeito aos meus sentimentos, me mostrar em público vestido de lã e com túnicas oficiais, em vez de com ombros nus ou meio cobertos: gostaria que os negócios de todos os dias acabassem como eu gostaria que acontecesse e novos parabéns estarem constantemente seguindo os primeiros: ainda assim, eu não me orgulharei disso: mude toda essa boa fortuna pelo seu oposto, deixe meu espírito ser enlouquecido por perdas, tristeza, vários tipos de ataques: não deixe passar nenhuma hora sem alguma controvérsia: não vou, por essa razão, embora assediado pelas maiores misérias, considerar-me o mais miserável dos seres, nem amaldiçoarei qualquer dia em particular, pois tomei o cuidado de não ter dias de azar. O que, então, é o resultado de tudo isso? é que prefiro ter de regular as alegrias do que sufocar as tristezas.

4. O grande Sócrates diria a mesma coisa para você. "Faça-me", diria ele, "o conquistador de todas as nações: deixe que o carro voluptuoso de Baco me carregue triunfalmente para Tebas desde o nascer do sol: que os reis dos persas recebam leis minhas: ainda assim me sentirei ser homem no exato momento em que todos me saúdam como Deus. Conecte imediatamente essa elevada altura com uma queda precipitada no infortúnio: deixe-me ser colocado em uma carruagem estrangeira para que eu possa agraciar o triunfo de um orgulhoso e selvagem conquistador "Eu seguirei o carro de outro sem mais humildade do que mostrei quando eu estava no meu próprio. O que então?

5. Apesar de tudo isso, eu preferia ser um conquistador do que um escravo. Eu desprezo todo o domínio da Fortuna, mas ainda assim, se me fosse dada a escolha, escolheria suas melhores partes, farei com que tudo que me acontecer se torne uma coisa boa, mas prefiro que o que me aconteça seja confortável, agradável e improvável de me causar aborrecimento: pois você não precisa supor que qualquer virtude exista sem trabalho, mas algumas virtudes precisam de esporas, e outras precisam do meio-fio.

6. Como temos que controlar nosso corpo em um caminho descendente, e instá-lo a subir uma escadaria íngreme; assim também o caminho de algumas virtudes leva à descida, o de outras à subida. Podemos duvidar de que a paciência, a coragem, a constância e todas as outras virtudes que têm de enfrentar forte oposição, e atropelar a Fortuna sob seus pés, estão subindo, lutando, escalando uma subida íngreme?

7. Por quê! Não é igualmente evidente que a generosidade, a moderação e a delicadeza deslizam facilmente a baixo? Com esta última, devemos nos apegar ao nosso espírito, para que ele não fuja: com a primeira, devemos insistir e estimulá-la. Devemos, portanto, aplicar essas virtudes enérgicas e combativas à pobreza e às riquezas aquelas que são mais parcimoniosas, que percorrem levemente e meramente sustentam seu próprio peso.

8. Sendo esta a distinção entre elas, eu preferiria ter que lidar com aquelas que eu poderia praticar em silêncio relativo, do que aquelas que só podem ser subjulgadas com sangue e suor. "Portanto", diz o sábio, "não falo de um

jeito e vivo outro: mas você não entende corretamente o que eu digo: só o som de minhas palavras chega aos seus ouvidos, você não tenta descobrir o significado delas".

## XXVI

1. "Que diferença, então, existe entre mim, que sou um tolo e você, que é um homem sábio?" "Toda a diferença no mundo: pois as riquezas são escravas na casa de um homem sábio, mas mestres na de um tolo. Você se acostuma com elas e se agarra a elas como se alguém tivesse prometido que elas deviam ser suas para sempre, mas um homem sábio nunca pensa tanto na pobreza como quando está cercado de riquezas.

2. Nenhum general confia tão implicitamente na manutenção da paz que não se preparar para a guerra que, embora não possa ser realmente travada, foi declarada, você é orgulhoso por uma bela casa, como se nunca pudesse ser queimada ou cair, e suas cabeças são transformadas por riquezas como se estivessem fora do alcance de todos os perigos e fossem tão grandes que a Fortuna não tivesse força suficiente para engoli-las, você fica sentado brincando com a sua riqueza e não prevê os perigos que lhe reservam, como os barbaros costumam fazer quando sitiados, pois, sem entender o uso da artilharia de cerco, olham preguiçosamente para o trabalho dos sitiados e não entendem o objetivo das máquinas que eles estão montando à distância:

3. E isso é exatamente o que acontece com você: você vai dormir sobre sua propriedade, e nunca reflete quantos infortúnios aparecem ameaçadoramente ao seu redor por todos os lados, e logo lhe saquearão de despojos caros, mas se alguém tira riquezas do homem sábio, deixa-o ainda de posse de tudo o que é dele: pois ele vive feliz no presente e sem medo do futuro.

4. O grande Sócrates, ou qualquer outra pessoa que tivesse a mesma superioridade e poder para suportar as coisas desta vida, diria:

5. "Não tenho mais princípios do que não alterar o curso da minha vida para se adequar aos seus preconceitos: você pode despejar sua conversa habitual comigo de todos os lados: não pensarei que você está me abusando, mas que você está meramente chorando como um pobre bebê." Isto é o que o homem

dirá que possui sabedoria, cuja mente, estando livre de vícios, pede-lhe que censure os outros, não porque os odeie, mas para melhorá-los: e a isso ele acrescentará: "Sua opinião sobre mim me afeta de dor, não por mim, mas por você, porque odiar a perfeição e atacar a virtude é em si uma resignação de toda a esperança de fazer o bem.

6. Você não me faz mal; nem os homens prejudicam os deuses quando derrubam seus altares: mas é claro que sua intenção é maligna e que você desejará fazer - agredir até o que você não é capaz de danificar. Suporto sua tagarelice no mesmo espírito em que Júpiter, melhor e maior, carrega os contos ociosos dos poetas, um dos quais o representa com asas, outro com chifres, outro como adúltero que fica fora a noite toda, outro como lidando duramente com os deuses, outro como injusto para com os homens, outro como o sedutor das nobres jovens que ele carrega à força, outro como um parricídio e conquistador do reino de outro, e aquele de seu pai.

7. O único resultado de tais contos é que os homens sentem menos vergonha em cometer pecado se eles acreditam que os deuses são culpados de tais ações. Mas, embora essa sua conduta não me faça mal, ainda assim, por sua própria causa, aconselho-o a respeitar a virtude: acredite naqueles que por muito tempo a seguiram, clamando em voz alta que o que eles seguem é uma coisa poderosa. Reverencie-a como faria com os deuses, e reverencie seus seguidores como faria com os sacerdotes dos deuses: e sempre que qualquer menção aos escritos sagrados é feita, **favete linguis**<sup>13</sup>, favoreça-nos com o silêncio: essa palavra não é derivada, como a maioria imagina, do favor, mas requer o silêncio, que o serviço divino possa ser realizado sem ser interrompido por quaisquer palavras de mau presságio.

8. É muito mais necessário que você seja ordenado a fazer isso, a fim de que, sempre que uma declaração for feita por esse oráculo, você possa escutá-lo com atenção e em silêncio. Sempre que alguém bate em um sistro<sup>14</sup>, fingindo fazê-lo por ordem divina, qualquer sabedor em roçar sua própria pele cobre seus braços e ombros com sangue de cortes leves, qualquer um rasteja de joelhos uivando ao longo da rua ou qualquer homem velho vestido de linho sai à luz do dia com um lampião e um ramo de louro e grita que um dos deuses está zangado, você o rodeia e ouve suas palavras,

e cada um aumenta a admiração do outro ao declarar que é divinamente inspirado.

## XXVII

1. Observe! Daquela prisão que entrando ele limpou da vergonha e se tornou mais honorável que qualquer casa de senado, Sócrates se dirige a você, dizendo: “O que é esta sua loucura? Qual é essa disposição, tanto em guerra com deuses e homens, que leva você a caluniar a virtude e a ultrajar a santidade com acusações maliciosas? Elogie os bons homens, se você for capaz: se não, passe por eles em silêncio: se de fato você se deleita com este abuso ofensivo, sofre por outro: pois quando você delira contra o Céu, eu não digo que cometerá sacrilégio, mas perderá seu tempo.

2. Certa vez, fiz de Aristófanes o tema de uma piada: desde então, toda a horda de poetas cômicos me fez uma marca de seu espírito envenenado: minha virtude foi feita para brilhar mais intensamente pelos golpes que foram apontados a ela, pois é vantajoso ser levado perante o público e exposto à tentação, e ninguém entende sua grandeza mais do que aqueles que, pelos ataques, julgaram sua força. A dureza do sílex não é tão conhecida por ninguém como àqueles que o atingem. Eu me ofereço a todos os ataques, como alguma rocha solitária em um mar raso, que as ondas nunca deixam de bater de onde quer que venham, mas que não sai de seu lugar e nem se desgasta, por muitos anos pode incessantemente correr contra isso. Passe por cima de mim, lance-se em mim, vou vencê-lo, suportando o seu ataque: tudo o que bate contra o que é firme e invencível, apenas se fere pela sua própria violência. Portanto, procure algum objeto macio e maleável para furar com seus dardos. Mas você tem tempo para investigar as más ações de outros homens e para julgar alguém? Perguntar como é que esse filósofo tem uma casa tão espaçosa, ou aquele jantar tão bom? Você olha para as espinhas de outras pessoas enquanto você mesmo está coberto de incontáveis úlceras? É como se alguém que foi comido pela sarna fosse apontar com desprezo para as verrugas nos corpos dos homens mais bonitos. Repreenda Platão por ter procurado dinheiro, censure Aristóteles por tê-lo obtido, Demócrito por tê-lo desconsiderado, Epicuro por tê-lo gasto: lance Fedro e Alcibíades em minha face, você que alcança o

auge do prazer sempre que tiver a oportunidade de imitar nossos vícios! Por que vocês não preferem olhar em torno de si mesmos para os males que os rasgam em pedaços de todos os lados, alguns atacando de fora, alguns queimando em seus próprios seios? Por mais que você desconheça seu próprio lugar, a humanidade ainda não chegou a tal ponto que você possa ter tempo para sacudir suas línguas para reprovar aqueles que são melhores que vocês.

## XXVIII

1. Isso você não entende, e você carrega um semblante que não condiz com sua condição, como muitos homens que se sentam no circo ou no teatro sem ter aprendido que sua casa já está de luto: mas eu, olhando para frente de um ponto de vista elevado, posso ver que tempestades estão lhe ameaçando, e vai explodir em torrentes em você um pouco mais tarde, ou estará perto de você e a ponto de varrer tudo o que você possui. Por que, embora você não esteja ciente disso, não há um furacão girando neste momento e confundindo sua mente, fazendo-a procurar e evitar as mesmas coisas, agora levantando-a e agora a arremessando abaixo ?. . . . .

---

### NOTAS:

1 A conjectura de Lipsius, "aqueles que estão vestidos de branco, bem como aqueles que estão vestidos com roupas coloridas", aludindo às vestes brancas de candidatos políticos.

2 A palavra “**diuidere**” em latim é literalmente "dividir" o voto, isto é, separar as coisas de diferentes tipos em um único voto, para que possam ser votadas separadamente. Aqui, Seneca refere-se a um costume praticado nas assembleias do Senado; e ele se explica para nós em outro texto com muita clareza: “Penso que devemos fazer em filosofia como costumam fazer no Senado: quando alguém faz uma moção, da qual eu aprovo até certo ponto, peço-lhe que faça sua moção em duas partes, e eu voto pela parte que eu aprovo.” [Carta 21](#)

3 Referência ao Epicurismo.

4 Os edis (do latim *aedilis curules*) eram dois encarregados da preservação da cidade, da polícia, dos mercados e das ações penais correlatas, bem como da jurisdição civil contenciosa nas questões ali ocorridas.

5 O epicurismo.

6 **Parentatur** parece significar onde uma oferenda é feita para ao luxo - onde eles se sacrificam ao luxo. Perfumes eram usados em funerais. [Justus Lipsius](#) sugere que essas festas eram como funerais porque os convidados eram carregados para casa caídos de bêbados.

7 Também chamado de Gallus, era um sacerdote eunuco que dedicava-se ao culto da deusa frígia Cibele, cujo rito foi incorporado nas práticas religiosas da Roma Antiga.

8 Virgílio.

9 Trecho de Eneida de Virgílio

10 A citação é do epitáfio de Phaeton. - Veja Ovídio, *Metamorfoses*. II.

11 Marco Pórcio Catão (234 – 149 a.C.; em latim: Marcus Porcius Cato) foi um político e escritor da gente Pórcia da República Romana eleito cônsul em 195 a.C. Ficou conhecido como Catão, o Velho, Catão, o Censor, Catão Sapiente e Catão Prisco para distingui-lo de seu bisneto, Marco Pórcio Catão, o Jovem.

12 Ponte Sublício (em latim: Pons Sublicius), conhecida também como Ponte Aventino ou Ponte Marmórea, é uma ponte em Roma ligando a Piazza dell'Emporio a Piazza di Porta Portese. Reconstruída muitas vezes, é a mais antiga ponte conhecida da Antiga Roma, atravessando o Tibre no Fórum Boário abaixo da ilha Tiberina, perto do sopé do monte Aventino.

13 “*Favete linguis!*” É uma frase latina que traduzida significa “Facilitar [os atos rituais] com as suas línguas”. Em outras palavras, "segure sua língua" ou "facilite os atos rituais silenciando-se". A frase é usada por Cícero, Ovídio, Horácio, Plínio, o Velho e Sêneca.

14 Sistro: Um chocalho metálico usado pelos egípcios para celebrar os ritos de Isis.

# AD GALLIONEM, DE VITA BEATA

## I.

1. Viuere, Gallio frater, omnes beate uolunt, sed ad peruidendum quid sit quod beatam uitam efficiat caligant; adeoque non est facile consequi beatam uitam ut eo quisque ab ea longius recedat quo ad illam concitatus fertur, si uia lapsus est; quae ubi in contrarium ducit, ipsa uelocitas maioris interualli causa fit. Proponendum est itaque primum quid sit quod adpetamus; tunc circumspectandum qua contendere illo celerrime possimus, intellecturi in ipso itinere, si modo rectum erit, quantum cotidie profligetur quantoque propius ab eo simus ad quod nos cupiditas naturalis inpellit. 2. Quam diu quidem passim uagamur non duces secuti sed fremitum et clamorem dissonum in diuersa uocantium, conteretur uita inter errores, breuis etiam si dies noctesque bonae menti laboremus. Decernatur itaque et quo tendamus et qua, non sine perito aliquo cui explorata sint ea in quae procedimus, quoniam quidem non eadem hic quae in ceteris peregrinationibus condicio est: in illis comprehensus aliquis limes et interrogati incolae non patiuntur errare, at hic tritissima quaeque uia et celeberrima maxime decipit. 3. Nihil ergo magis praestandum est quam ne pecorum ritu sequamur antecedentium gregem, pergentes non quo eundem est sed quo itur. Atqui nulla res nos maioribus malis implicat quam quod ad rumorem componimur, optima rati ea quae magno adsensu recepta sunt, quodque exempla <nobis pro> bonis multa sunt nec ad rationem sed ad similitudinem uiuimus. 4. Inde ista tanta coaceruatio aliorum super alios ruentium. Quod in strage hominum magna euenit, cum ipse se populus premit — nemo ita cadit ut non et alium in se adtrahat, primique exitio sequentibus sunt — hoc in omni uita accidere uideas licet. Nemo sibi tantummodo errat, sed alieni erroris et causa et

auctor est; nocet enim adplicari antecedentibus et, dum unusquisque mauult credere quam iudicare, numquam de uita iudicatur, semper creditur, uersatque nos et praecipitat traditus per manus error. Alienis perimus exemplis: sanabimur, [si] separemur modo a coetu. 5. Nunc uero stat contra rationem defensor mali sui populus. Itaque id euenit quod in comitiis, in quibus eos factos esse praetores idem qui fecere mirantur, cum se mobilis fauor circumegit: eadem probamus, eadem reprehendimus; hic exitus est omnis iudicii in quo secundum plures datur.

## II.

1. Cum de beata uita agetur, non est quod mihi illud discessionum more respondeas: 'haec pars maior esse uidetur.' Ideo enim peior est. Non tam bene cum rebus humanis agitur ut meliora pluribus placeant: argumentum pessimi turba est. 2. Quaeramus ergo quid optimum factu sit, non quid usitatissimum, et quid nos in possessione felicitatis aeternae constituat, non quid uulgo, ueritatis pessimo interpreti, probatum sit. Vulgum autem tam chlamydatos quam coronatos uoco; non enim colorem uestium quibus praetexta sunt corpora aspicio. Oculis de homine non credo, habeo melius et certius lumen quo a falsis uera diiudicem: animi bonum animus inueniat. Hic, si umquam respirare illi et recedere in se uacauerit, o quam sibi ipse uerum tortus a se fatebitur ac dicet: 3. 'quidquid feci adhuc infectum esse mallet, quidquid dixi cum recogito, mutis inuideo, quidquid optaui inimicorum execrationem puto, quidquid timui, di boni, quanto leuius fuit quam quod concupii! Cum multis inimicitias gessi et in gratiam ex odio, si modo ulla inter malos gratia est, redii: mihi ipsi nondum amicus sum. Omnem operam dedi ut me multitudini educerem et aliqua dote notabilem facerem: quid aliud quam telis me opposui et maleuolentiae quod morderet ostendi? 4. Vides istos qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratiae adulantur, qui potentiam extollunt? omnes aut sunt hostes aut, quod in aequo est, esse possunt; quam magnus mirantium tam magnus inuidientium populus est. Quin potius quaero aliquod usu bonum, quod sentiam, non quod ostendam? ista quae spectantur, ad quae consistitur, quae alter alteri stupens monstrat, foris nitent, introrsus misera sunt.'

### III.

1. Quaeramus aliquod non in speciem bonum, sed solidum et aequale et a secretiore parte formosius; hoc eruamus. Nec longe positum est: inuenietur, scire tantum opus est quo manum porrigas; nunc uelut in tenebris uicina transimus, offensantes ea ipsa quae desideramus. 2. Sed ne te per circumitus traham, aliorum quidem opiniones praeteribo — nam et enumerare illas longum est et coarguere: nostram accipe. Nostram autem cum dico, non alligo me ad unum aliquem ex Stoicis proceribus: est et mihi censendi ius. Itaque aliquem sequar, aliquem iubebo sententiam diuidere, fortasse et post omnes citatus nihil inprobabo ex iis quae priores decreuerint et dicam 'hoc amplius censeo'. 3. Interim, quod inter omnis Stoicos conuenit, rerum naturae adsentior; ab illa non deerrare et ad illius legem exemplumque formari sapientia est. Beata est ergo uita conueniens naturae suae, quae non aliter contingere potest quam si primum sana mens est et in perpetua possessione sanitatis suae, deinde fortis ac uehemens, tunc pulcherrime patiens, apta temporibus, corporis sui pertinentiumque ad id curiosa non anxie, tum aliarum rerum quae uitam instruunt diligens sine admiratione cuiusquam, usura fortunae muneribus, non seruitura. 4. Intellegis, etiam si non adiciam, sequi perpetuam tranquillitatem, libertatem, depulsis iis quae aut irritant nos aut territant; nam uoluptatibus et \* \* \* pro illis quae parua ac fragilia sunt et ~ipsis flagitiis noxia~ ingens gaudium subit, inconcussum et aequale, tum pax et concordia animi et magnitudo cum mansuetudine; omnis enim ex infirmitate feritas est.

## IV.

1. Potest aliter quoque definiri bonum nostrum, id est eadem sententia non isdem comprehendi uerbis. Quemadmodum idem exercitus modo latius panditur modo in angustum coartatur et aut in cornua sinuata media parte curuatur aut recta fronte explicatur, uis illi, utcumque ordinatus est, eadem est et uoluntas pro eisdem partibus standi, ita finitio summi boni alias diffundi potest et exporrigi, alias colligi et in se cogi. 2. Idem itaque erit, si dixerō 'summum bonum est animus fortuita despiciens, uirtute laetus' aut 'inuicta uis animi, perita rerum, placida in actu cum humanitate multa et conuersantium cura'. Licet et ita finire, ut beatum dicamus hominem eum cui nullum bonum malumque sit nisi bonus malusque animus, honesti cultorem, uirtute contentum, quem nec extollant fortuita nec frangant, qui nullum maius bonum eo quod sibi ipse dare potest nouerit, cui uera uoluptas erit uoluptatum contemptio. 3. Licet, si euagari uelis, idem in aliam atque aliam faciem salua et integra potestate transferre; quid enim prohibet nos beatam uitam dicere liberum animum et erectum et interritum ac stabilem, extra metum, extra cupiditatem positum, cui unum bonum sit honestas, unum malum turpitude, cetera uilis turba rerum nec detrahens quicquam beatae uitae nec adiciens, sine auctu ac detrimento summi boni ueniens ac recedens? 4. Hunc ita fundatum necesse est, uelit nolit, sequatur hilaritas continua et laetitia alta atque ex alto ueniens, ut qui suis gaudeat nec maiora domesticis cupiat. Quidni ista bene penset cum minutis et friuolis et non perseuerantibus corpusculi motibus? Quo die infra uoluptatem fuerit, et infra dolorem erit; uides autem quam malam et noxiosam seruitutem seruiturus sit quem uoluptates doloresque, incertissima dominia inpotentissimaque, alternis possidebunt: ergo exeundum ad libertatem est. 5. Hanc non alia res tribuit quam fortunae negligentia: tum illud orietur inaestimabile bonum, quies mentis in tuto conlocatae et sublimitas expulsisque erroribus ex cognitione ueri gaudium grande et inmotum comitasque et diffusio animi, quibus delectabitur non ut bonis sed ut ex bono suo ortis.

## V.

1. Quoniam liberaliter agere coepi, potest beatus dici qui nec cupit nec timet beneficio rationis, quoniam et saxa timore et tristitia carent nec minus pecudes; non ideo tamen quisquam felicia dixerit quibus non est felicitatis intellectus. 2. Eodem loco pone homines quos in numerum pecorum et animalium redegit hebes natura et ignoratio sui. Nihil interest inter hos et illa, quoniam illis nulla ratio est, his praua et malo suo atque in peruersum sollers; beatus enim dici nemo potest extra ueritatem proiectus. 3. Beata ergo uita est in recto certoque iudicio stabilita et immutabilis. Tunc enim pura mens est et soluta omnibus malis, quae non tantum lacerationes sed etiam uellicationes effugerit, statura semper ubi constitit ac sedem suam etiam irata et infestante fortuna uindicatura. 4. Nam quod ad uoluptatem pertinet, licet circumfundatur undique et per omnis uias influat animumque blandimentis suis leniat aliaque ex aliis admoueat quibus totos partesque nostri sollicitet, quis mortalium, cui ullum superest hominis uestigium, per diem noctemque titillari uelit et deserto animo corpori operam dare?

## VI.

1. 'Sed animus quoque' inquit 'uoluptates habebit suas.' Habeat sane sedeatque luxuriae et uoluptatum arbiter; impleat se eis omnibus quae oblectare sensus solent, deinde praeterita respiciat et exoletarum uoluptatum memor exultet prioribus futurisque iam immineat ac spes suas ordinet et, dum corpus in praesenti sagina iacet, cogitationes ad futura praemittat: hoc mihi uidebitur miserior, quoniam mala pro bonis legere dementia est. Nec sine sanitate quisquam beatus est nec sanus cui futura pro optimis adpetuntur. 2. Beatus ergo est iudicii rectus; beatus est praesentibus qualiacumque sunt contentus amicusque rebus suis; beatus est is cui omnem habitum rerum suarum ratio commendat.

## VII.

1. Vident et in illis qui summum bonum dixerunt quam turpi illud loco posuerint. Itaque negant posse uoluptatem a uirtute diduci et aiunt nec honeste quemquam uiuere ut non iucunde uiuat, nec iucunde ut non honeste quoque. Non uideo quomodo ista tam diuersa in eandem copulam coiciantur. Quid est, oro uos, cur separari uoluptas a uirtute non possit? uidelicet, quia omne bonis ex uirtute principium est, ex huius radicibus etiam ea quae uos et amatis et expetitis oriuntur? Sed si ista indiscreta essent, non uideremus quaedam iucunda sed inhonesta, quaedam uero honestissima sed aspera, per dolores exigenda. 2. Adice nunc quod uoluptas etiam ad uitam turpissimam uenit, at uirtus malam uitam non admittit, et infelices quidam non sine uoluptate, immo ob ipsam uoluptatem sunt; quod non eueniret si uirtuti se uoluptas inmiscuisset, qua uirtus saepe caret, numquam indiget. 3. Quid dissimilia, immo diuersa componitis? Altum quiddam est uirtus, excelsum et regale, inuictum infatigabile: uoluptas humile seruire, inbecillum caducum, cuius statio ac domicilium fornices et popinae sunt. Virtutem in templo conuenies, in foro in curia, pro muris stantem, puluerulentam coloratam, callosas habentem manus: uoluptatem latitantem saepius ac tenebras captantem circa balinea ac sudatoria ac loca aedilem metuentia, mollem eneruem, mero atque unguento madentem, pallidam aut fucatam et medicamentis pollinctam. 4. Summum bonum immortale est, nescit exire, nec satietatem habet nec paenitentiam; numquam enim recta mens uertitur nec sibi odio est nec quicquam ~mutauit~ optima. At uoluptas tunc cum maxime delectat extinguitur; non multum loci habet, itaque cito inplet et taedio est et post primum impetum marcet. Nec id umquam certum est cuius in motu natura est: ita ne potest quidem ulla eius esse substantia quod uenit transitque celerrime in ipso usu sui periturum; eo enim pertendit ubi desinat, et dum incipit spectat ad finem.

## VIII.

1. Quid quod tam bonis quam malis uoluptas inest nec minus turpes dedecus suum quam honestos egregia delectant? Ideoque praeceperunt ueteres optimam sequi uitam, non iucundissimam, ut rectae ac bonae uoluntatis non dux sed comes sit uoluptas. Natura enim duce utendum est; hanc ratio obseruat, hanc consulit. 2. Idem est ergo beate uiuere et secundum naturam. Hoc quid sit iam aperiam: si corporis dotes et apta naturae conseruariimus diligenter et inpauide tamquam in diem data et fugacia, si non subierimus eorum seruitutem nec nos aliena possederint, si corpori grata et aduenticia eo nobis loco fuerint quo sunt in castris auxilia et armaturae leues — seruiant ista, non imperent — ita demum utilia sunt menti. 3. Incorruptus uir sit externis et insuperabilis miratorque tantum sui, fidens animo atque in utrumque paratus, artifex uitae; fiducia eius non sine scientia sit, scientia non sine constantia; maneant illi semel placita nec ulla in decretis eius litura sit. Intellegitur, etiam si non adiecero, compositum ordinatumque fore talem uirum et in iis quae aget cum comitate magnificum. ~erat uera. 4. Ratio uera~ sensibus inritata et capiens inde principia — nec enim habet aliud unde conetur aut unde ad uerum impetum capiat — in se reuertatur. Nam mundus quoque cuncta complectens rectorque uniuersi deus in exteriora quidem tendit, sed tamen introsum undique in se redit. Idem nostra mens faciat: cum secuta sensus suos per illos se ad externa porrexerit, et illorum et sui potens sit. 5. Hoc modo una efficietur uis ac potestas concors sibi et ratio illa certa nascetur, non dissidens nec haesitans in opinionibus comprehensionibusque nec in persuasionibus, quae cum se disposuit et partibus suis consensit et, ut ita dicam, concinuit, summum bonum tetigit. 6. Nihil enim prauum, nihil lubricum superest, nihil in quo arietet aut labet; omnia faciet ex imperio suo nihilque inopinatum accidet, sed quidquid agetur in bonum exhibit facile et parate et sine tergiuersatione agentis; nam pigritia et haesitatio pugnam et inconstantiam ostendit. Quare audaciter licet profiteris summum bonum esse animi concordiam; uirtutes enim ibi esse debebunt ubi consensus atque unitas erit: dissident uitia.

## IX.

1. 'Sed tu quoque' inquit 'uirtutem non ob aliud colis quam quia aliquam ex illa speras uoluptatem.' Primum non, si uoluptatem praestatura uirtus est, ideo propter hanc petitur; non enim hanc praestat, sed et hanc, nec huic laborat, sed labor eius, quamuis aliud petat, hoc quoque adsequetur. 2. Sicut in aruo quod segeti proscissum est aliqui flores internascuntur, non tamen huic herbulae, quamuis delectet oculos, tantum operis insumptum est — aliud fuit serenti propositum, hoc superuenit — sic uoluptas non est merces nec causa uirtutis sed accessio, nec quia delectat placet, sed, si placet, et delectat. 3. Summum bonum in ipso iudicio est et habitu optimae mentis, quae cum suum inpleuit et finibus se suis cinxit, consummatum est summum bonum nec quicquam amplius desiderat; nihil enim extra totum est, non magis quam ultra finem. 4. Itaque erras cum interrogas quid sit illud propter quod uirtutem petam; quaeris enim aliquid supra summum. Interrogas quid petam ex uirtute? ipsam. Nihil enim habet melius [enim], ipsa pretium sui. An hoc parum magnum est? Cum tibi dicam 'summum bonum est infragilis animi rigor et prouidentia et sublimitas et sanitas et libertas et concordia et decor', aliquid etiamnunc exigis maius ad quod ista referantur? Quid mihi uoluptatem nominas? hominis bonum quaero, non uentris, qui pecudibus ac beluis laxior est.

## X.

1. 'Dissimulas' inquit 'quid a me dicatur; ego enim nego quemquam posse iucunde uiuere nisi simul et honeste uiuit, quod non potest mutis contingere animalibus nec bonum suum cibo metientibus. Clare, inquam, ac palam testor hanc uitam quam ego iucundam uoco non nisi adiecta uirtute contingere.' 2. Atqui quis ignorat plenissimos esse uoluptatibus uestris stultissimos quosque et nequitiam abundare iucundis animumque ipsum genera uoluptatis praua et multa suggerere? — in primis insolentiam et nimiam aestimationem sui tumoremque elatum super ceteros et amorem rerum suarum caecum et inprouidum et ex minimis ac puerilibus causis exultationem, iam dicacitatem ac superbiam contumeliis gaudentem, desidiam dissolutionemque segnem animi, deliciis fluentis, indormientis sibi. 3. Haec omnia uirtus discutit et aurem peruellit et uoluptates aestimat antequam admittat nec quas probauit magni pendit ~utique enim~ admittit nec usu earum sed temperantia laeta est. Temperantia autem, cum uoluptates minuat, summi boni iniuria est. Tu uoluptatem complecteris, ego compesco; tu uoluptate frueris, ego utor; tu illam summum bonum putas, ego nec bonum; tu omnia uoluptatis causa facis, ego nihil.

## XI.

1. Cum dico me nihil uoluptatis causa facere, de illo loquor sapiente, cui soli concedimus uoluptatem. Non uoco autem sapientem supra quem quicquam est, nedum uoluptas. Atqui ab hac occupatus quomodo resistet labori et periculo, egestati et tot humanam uitam circumstrepentibus minis? Quomodo conspectum mortis, quomodo dolores feret, quomodo mundi fragores et tantum acerrimorum hostium, a tam molli aduersario uictus? 'Quidquid uoluptas suaserit faciet.' Age, non uides quam multa suasura sit?

2. 'Nihil' inquit 'poterit turpiter suadere, quia adiuncta uirtuti est.' Non uides iterum quale sit summum bonum cui custode opus est ut bonum sit? Virtus autem quomodo uoluptatem reget, quam sequitur, cum sequi parentis sit, regere imperantis? a tergo ponis quod imperat? Egregium autem habet uirtus apud uos officium, uoluptates praegustare!

3. Sed uidebimus an apud quos tam contumeliose tractata uirtus est adhuc uirtus sit, quae habere nomen suum non potest, si loco cessit; interim, de quo agitur, multos ostendam uoluptatibus obsessos, in quos fortuna omnia munera sua effudit, quos fatearis necesse est malos.

4. Aspice Nomentanum et Apicium, terrarum ac maris, ut isti uocant, bona conquirentis et super mensam recognoscentis omnium gentium animalia; uide hos eosdem e suggestu rosae despectantis popinam suam, aures uocum sono, spectaculis oculos, saporibus palatum suum delectantis; mollibus lenibusque fomentis totum lacessitur eorum corpus et, ne nares interim cessent, odoribus uariis inficitur locus ipse in quo luxuriae parentatur. Hos esse in uoluptatibus dices, nec tamen illis bene erit, quia non bono gaudent.

## XII.

1. 'Male' inquit 'illis erit, quia multa interuenient quae perturbent animum et opiniones inter se contrariae mentem inquietabunt.' Quod ita esse concedo; sed nihilominus illi ipsi stulti et inaequales et sub ictu paenitentiae positi magnas percipient uoluptates, ut fatendum sit tam longe tum illos ab omni molestia abesse quam a bona mente et, quod plerisque contingit, hilarem insaniam insanire ac per risum furere. 2. At contra sapientium remissae uoluptates et modestae ac paene languidae sunt compressaeque et uix notabiles, ut quae neque accersitae ueniant nec, quamuis per se accesserint, in honore sint neque ullo gaudio percipientium exceptae; miscent enim illas et interponunt uitae ut ludum iocumque inter seria.

3. Desinant ergo inconuenientia iungere et uirtuti uoluptatem implicare, per quod uitium pessimis quibusque adulantur. Ille effusus in uoluptates, ructabundus semper atque ebrius, quia scit se cum uoluptate uiuere, credit et cum uirtute (audit enim uoluptatem separari a uirtute non posse); deinde uitiiis suis sapientiam inscribit et abscondenda profitetur. 4. Itaque non ab Epicuro impulsus luxuriantur, sed uitiiis dediti luxuriam suam in philosophiae sinu abscondunt et eo concurrunt ubi audiant laudari uoluptatem. Nec aestimant uoluptas illa Epicuri — ita enim mehercules sentio - quam sobria ac sicca sit, sed ad nomen ipsum aduolant quaerentes libidinibus suis patrocinium aliquod ac uelamentum. 5. Itaque quod unum habebant in malis bonum perdunt, peccandi uerecundiam; laudant enim ea quibus erubescabant et uitio gloriantur; ideoque ne resurgere quidem ~adulescentiae~ licet, cum honestus turpi desidiaie titulus accessit. Hoc est cur ista uoluptatis laudatio perniciosa sit, quia honesta praecepta intra latent, quod corrumpit apparet.

## XIII.

1. In ea quidem ipse sententia sum — inuitis hoc nostris popularibus dicam — sancta Epicurum et recta praecipere et si propius accesseris tristia; uoluptas enim illa ad paruum et exile reuocatur et quam nos uirtuti legem dicimus, eam ille dicit uoluptati. Iubet illam parere naturae; parum est autem luxuriae quod naturae satis est. 2. Quid ergo est? Ille, quisquis desidiosum otium et gulae ac libidinis uices felicitatem uocat, bonum malae rei quaerit auctorem et, cum illo uenit blando nomine inductus, sequitur uoluptatem non quam audit sed quam attulit, et uitia sua cum coepit putare similia praeceptis, indulget illis non timide nec obscure, luxuriatur etiam inde aperto capite. Itaque non dicam quod plerique nostrorum, sectam Epicuri flagitiorum magistram esse, sed illud dico: male audit, infamis est. 'At inmerito.' 3. Hoc scire qui potest nisi interius admissus? frons eius ipsa dat locum fabulae et ad malam spem inritat. Hoc tale est quale uir fortis stolam indutus: constat tibi pudicitia, uiriliter salua est, nulli corpus tuum turpi patientiae uacat, sed in manu tympanum est. Titulus itaque honestus eligatur et inscriptio ipsa excitans animum: quae stat, inuenerunt uitia. 4. Quisquis ad uirtutem accessit, dedit generosae indolis specimen: qui uoluptatem sequitur uidetur eneruis, fractus, ~degenerans uiro~, peruenturus in turpia nisi aliquis distinxerit illi uoluptates, ut sciat quae ex eis intra naturale desiderium resistant, quae praeceptis ferantur infinitaeque sint et quo magis implentur eo magis inexplebiles. 5. Agedum, uirtus antecedit, tutum erit omne uestigium. Et uoluptas nocet nimia: in uirtute non est uerendum ne quid nimium sit, quia in ipsa est modus; non est bonum quod magnitudine laborat sua. Rationalem porro sortitis naturam quae melius res quam ratio proponitur? Et si placet ista iunctura, si hoc placet ad beatam uitam ire comitatu, uirtus antecedit, comitetur uoluptas et circa corpus ut umbra uersetur: uirtutem quidem, excelsissimam dominam, uoluptati tradere ancillam nihil magnum animo capientis est.

## XIV.

1. Prima uirtus eat, haec ferat signa: habebimus nihilominus uoluptatem, sed domini eius et temperatores erimus; aliquid nos exorabit, nihil coget. At ei qui uoluptati tradidere principia utroque caruere; uirtutem enim amittunt, ceterum non ipsi uoluptatem, sed ipsos uoluptas habet, cuius aut inopia torquentur aut copia strangulantur, miseri si deseruntur ab illa, miseriores si obruuntur; sicut deprensi mari Syrtico modo in sicco relinquuntur, modo torrente unda fluctuantur. 2. Euenit autem hoc nimia intemperantia et amore caeco rei; nam mala pro bonis petenti periculosum est adsequi. Vt feras cum labore periculoque uenamur et captarum quoque illarum sollicita possessio est — saepe enim laniant dominos — ita habent se magnae uoluptates: in magnum malum euasere captaeque cepere; quae quo plures maioresque sunt, eo ille minor ac plurium seruus est quem felicem uulgius appellat. 3. Permanere libet in hac etiamnunc huius rei imagine. Quemadmodum qui bestiarum cubilia indagat et

laqueo captare feras

magno aestimat et

latos canibus circumdare saltus,

ut illarum uestigia premat, potiora deserit multisque officiis renuntiat, ita qui sectatur uoluptatem omnia postponit et primam libertatem negligit ac pro uentre dependit, nec uoluptates sibi emit sed se uoluptatibus uendit.

## XV.

1. 'Quid tamen' inquit 'prohibet in unum uirtutem uoluptatemque confundi et ita effici summum bonum ut idem et honestum et iucundum sit?' Quia pars honesti non potest esse nisi honestum nec summum bonum habebit sinceritatem suam, si aliquid in se uiderit dissimile meliori. 2. Ne gaudium quidem quod ex uirtute oritur, quamuis bonum sit, absoluti tamen boni pars est, non magis quam laetitia et tranquillitas, quamuis ex pulcherrimis causis nascantur; sunt enim ista bona, sed consequentia summum bonum, non consummantia. 3. Qui uero uirtutis uoluptatisque societatem facit et ne ex aequo quidem, fragilitate alterius boni quidquid in altero uigoris est hebetat libertatemque illam, ita demum si nihil se pretiosius nouit inuictam, sub iugum mittit. Nam, quae maxima seruitus est, incipit illi opus esse fortuna; sequitur uita anxiosa, suspiciosa, trepida, casum pauens, temporum suspensa momentis. 4. Non das uirtuti fundamentum graue, immobile, sed iubes illam in loco uolubili stare; quid autem tam uolubile est quam fortuitorum expectatio et corporis rerumque corpus adficientium uarietas? Quomodo hic potest deo parere et quidquid euenit bono animo excipere nec de fato queri casuum suorum benignus interpret, si ad uoluptatum dolorumque punctiunculas concutitur? Sed ne patriae quidem bonus tutor aut uindex est nec amicorum propugnator, si ad uoluptates uergit. 5. Illo ergo summum bonum escendat unde nulla ui detrahitur, quo neque dolori neque spei nec timori sit aditus nec ulli rei quae deterius summi boni ius faciat; escendere autem illo sola uirtus potest. Illius gradu cliuus iste frangendus est; illa fortiter stabit et quidquid euenit feret non patiens tantum sed etiam uolens, omnemque temporum difficultatem sciet legem esse naturae et ut bonus miles feret uulnera, numerabit cicatrices, et transuerberatus telis moriens amabit eum pro quo cadet imperatorem; habebit illud in animo uetus praeceptum: deum sequere. 6. Quisquis autem queritur et plorat et gemit, imperata facere ui cogitur et inuitus rapitur ad iussa nihilominus. Quae autem dementia est potius trahi quam sequi! tam mehercules quam stultitia et ignoratio condicionis est suae dolere quod deest aliquid tibi aut incidit

durius, aequè mirari aut indigne ferre ea quae tam bonis accidunt quam malis, morbos dico, funera, debilitates et cetera ex transuerso in uitam humanam incurrentia. 7. Quidquid ex uniuersi constitutione patiendum est, magno suscipiatur animo: ad hoc sacramentum adacti sumus, ferre mortalia nec perturbari iis quae uitare non est nostrae potestatis. In regno nati sumus: deo parere libertas est.

## XVI.

1. Ergo in uirtute posita est uera felicitas. Quid haec tibi uirtus suadebit? ne quid aut bonum aut malum existimes quod nec uirtute nec malitia continget; deinde ut sis immobilis et contra malum <et> ex bono, ut qua fas est deum effingas. 2. Quid tibi pro hac expeditione promittit? ingentia et aequa diuinis: nihil cogaris, nullo indigebis, liber eris, tutus indemnis; nihil frustra temptabis, nihil prohibeberis; omnia tibi ex sententia cedent, nihil aduersum accidet, nihil contra opinionem ac uoluntatem. 3. 'Quid ergo? uirtus ad beate uiuendum sufficit?' Perfecta illa et diuina quidni sufficiat, immo superfluat? Quid enim deesse potest extra desiderium omnium posito? Quid extrinsecus opus est ei qui omnia sua in se collegit? Sed ei qui ad uirtutem tendit, etiam si multum processit, opus est aliqua fortunae indulgentia adhuc inter humana luctanti, dum nodum illum exsoluit et omne uinculum mortale. Quid ergo interest? quod arte alligati sunt alii, adstricti [alii], districti quoque: hic qui ad superiora progressus est et se altius extulit laxam catenam trahit, nondum liber, iam tamen pro libero.

## XVII.

1. Si quis itaque ex istis qui philosophiam conlatrant quod solent dixerit: 'quare ergo tu fortius loqueris quam uiuis? Quare et superiori uerba summittis et pecuniam necessarium tibi instrumentum existimas et damno moueris et lacrimas audita coniugis aut amici morte demittis et respicis famam et malignis sermonibus tangeris? 2. Quare cultius rus tibi est quam naturalis usus desiderat? Cur non ad praescriptum tuum cenas? Cur tibi nitidior supellex est? Cur apud te uinum aetate tua uetustius bibitur? Cur aurum disponitur? Cur arbores nihil praeter umbram daturae conseruntur? Quare uxor tua locupletis domus censum auribus gerit? Quare paedagogium pretiosa ueste succingitur? Quare ars est apud te ministrare nec temere et ut libet conlocatur argentum sed perite struitur et est aliquis scindendi obsonii magister?' Adice si uis: 'cur trans mare possides? Cur plura quam nosti? <Cur> turpiter aut tam negligens es ut non noueris pauculos seruos aut tam luxuriosus ut plures habeas quam quorum notitiae memoria sufficiat?' 3. Adiuuabo postmodo conuicia et plura mihi quam putas obiciam, nunc hoc respondeo tibi: non sum sapiens et, ut maliuolentiam tuam pascam, nec ero. Exige itaque a me, non ut optimis par sim, sed ut malis melior: hoc mihi satis est, cotidie aliquid ex uitiiis meis demere et errores meos obiurgare. 4. Non perueni ad sanitatem, ne perueniam quidem; delenimenta magis quam remedia podagrae meae compono, contentus si rarius accedit et si minus uerminatur: uestris quidem pedibus comparatus, debiles, cursor sum. Haec non pro me loquor — ego enim in alto uitiorum omnium sum — sed pro illo cui aliquid acti est.

## XVIII.

1. 'Aliter' inquis 'loqueris, aliter uiuis.' Hoc, malignissima capita et optimo cuique inimicissima, Platoni obiectum est, obiectum Epicuro, obiectum Zenoni; omnes enim isti dicebant non quemadmodum ipsi uiuerent, sed quemadmodum esset <et> ipsis uiuendum. De uirtute, non de me loquor, et cum uitiiis conuicium facio, in primis meis facio: cum potuero, uiuam quomodo oportet. 2. Nec malignitas me ista multo ueneno tincta deterrebit ab optimis; ne uirus quidem istud quo alios spargitis, quo uos necatis, me impediet quominus perseuerem laudare uitam non quam ago sed quam agendam scio, quominus uirtutem adorem et ex interuallo ingenti reptabundus sequar. 3. Expectabo scilicet ut quicumque maliuolentiae inuiolatum sit, cui sacer nec Rutilius fuit nec Cato? Curet aliquis an istis nimis diues uideatur quibus Demetrius Cynicus parum pauper est? Virum acerrimum et contra omnia naturae desideria pugnantem, hoc pauperiorem quam ceteros Cynicos quod, cum sibi interdixerit habere, interdixit et poscere, negant satis egere. Vides enim: non uirtutis scientiam sed egestatis professus est.

## XIX.

1. Diodorum, Epicureum philosophum, qui intra paucos dies finem uitae suae manu sua inposuit, negant ex decreto Epicuri fecisse quod sibi gulam praesecuit: alii dementiam uideri uolunt factum hoc eius, alii temeritatem. Ille interim beatus ac plenus bona conscientia reddidit sibi testimonium uita excedens laudauitque aetatis in portu et ad ancoram actae quietem et dixit quod uos inuiti audistis, quasi uobis quoque faciendum sit:

uixi et quem dederat cursum fortuna peregi.

2. De alterius uita, de alterius morte disputatis et ad nomen magnorum ob aliquam eximiam laudem uirorum, sicut ad occursum ignotorum hominum minuti canes, latratis; expedit enim uobis neminem uideri bonum, quasi aliena uirtus exprobratio delictorum ~omnium~ sit. Inuidi splendida cum sordibus uestris confertis nec intellegitis quanto id uestro detrimento audeatis. Nam si illi qui uirtutem sequuntur auari libidinosi ambitiosique sunt, quid uos estis quibus ipsum nomen uirtutis odio est? 3. Negatis quemquam praestare quae loquitur nec ad exemplar orationis suae uiuere: quid mirum, cum loquantur fortia ingentia, omnis humanas tempestates euadentia? Cum refigere se crucibus conentur — in quas unusquisque uestrum clauos suos ipse adigit — ad supplicium tamen acti stipitibus singulis pendent: hi qui in se ipsi animum aduertunt quot cupiditatibus tot crucibus distrahuntur. At maledici, in alienam contumeliam uenusti sunt. Crederem illis hoc uacare, nisi quidam ex patibulo suo spectatores conspuerent.

## XX.

1. 'Non praestant philosophi quae loquuntur.' Multum tamen praestant quod loquuntur, quod honesta mente concipiunt. Vtinam quidem et paria dictis agerent: quid esset illis beatius? Interim non est quod contempnas bona uerba et bonis cogitationibus plena praecordia: studiorum salutarium etiam citra effectum laudanda tractatio est. 2. Quid mirum, si non escendunt in altum ardua adgressi? Sed si uir es, suspice, etiam si decidunt, magna conantis. Generosa res est respicientem non ad suas sed ad naturae suae uires conari alta temptare et mente maiora concipere quam quae etiam ingenti animo adornatis effici possunt. 3. Qui sibi hoc proposuit: 'ego mortem eodem uultu quo audiam uidebo. Ego laboribus, quanticumque illi erunt, parebo, animo fulciens corpus. Ego diuitias et praesentis et absentis aequae contempnam, nec si aliubi iacebunt tristior, nec si circa me fulgebunt animosior. Ego fortunam nec uenientem sentiam nec recedentem. Ego terras omnis tamquam meas uidebo, meas tamquam omnium. Ego sic uiuam quasi sciam aliis esse me natum et naturae rerum hoc nomine gratias agam: quo enim melius genere negotium meum agere potuit? unum me donauit omnibus, uni mihi omnis. 4. Quidquid habebam nec sordide custodiam nec prodige spargam; nihil magis possidere me credam quam bene donata. Non numero nec pondere beneficia nec ulla nisi accipientis aestimatione perpendam; numquam id mihi multum erit quod dignus accipiet. Nihil opinionis causa, omnia conscientiae faciam. Populo spectante fieri credam quidquid me conscio faciam. 5. Edendi mihi erit bibendique finis desideria naturae restinguere, non implere aluum et exinanire. Ero amicis iucundus, inimicis mitis et facilis. Exorabor antequam roger, et honestis precibus occurram. Patriam meam esse mundum sciam et praesides deos, hos supra me circaque me stare factorum dictorumque censores. Quandoque aut natura spiritum repetet aut ratio dimittet, testatus exibo bonam me conscientiam amasse, bona studia, nullius per me libertatem deminutam, minime meam' — qui haec facere proponet, uolet, temptabit, ad deos iter faciet, ne ille, etiam si non tenuerit, magnis tamen excidit ausis. 6. Vos quidem, quod uirtutem cultoremque eius odistis, nihil

noui facitis. Nam et solem lumina aegra formidant et auersantur diem splendidum nocturna animalia, quae ad primum eius ortum stupent et latibula sua passim petunt, abduntur in aliquas rimas timida lucis. Gemite et infelicem linguam bonorum exercete conuicio, hiate commordete: citius multo frangetis dentes quam imprimetis.

## XXI.

1. 'Quare ille philosophiae studiosus est et tam diues uitam agit? Quare opes contemnendas dicit et habet, uitam contemnendam putat et tamen uiuit, ualetudinem contemnendam, et tamen illam diligentissime tuetur atque optimam mauult? Et exilium uanum nomen putat et ait "quid enim est mali mutare regiones?" et tamen, si licet, senescit in patria? Et inter longius tempus et breuius nihil interesse iudicat, tamen, si nihil prohibet, extendit aetatem et in multa senectute placidus uiuet?' 2. Ait ista debere contemni, non ne habeat, sed ne sollicitus habeat; non abigit illa a se, sed abeuntia securus prosequitur. Diuitias quidem ubi tutius fortuna deponet quam ibi unde sine querella reddentis receptura est? 3. M. Cato cum laudaret Curium et Coruncanium et illud saeculum in quo censorium crimen erat paucae argenti lamellae possidebat ipse quadragies sestertium, minus sine dubio quam Crassus, plus quam censorius Cato. Maiore spatio, si compararentur, proauum uicerat quam a Crasso uinceretur, et, si maiores illi obuissent opes, non spreuisset. 4. Nec enim se sapiens indignum ullis muneribus fortuitis putat: non amat diuitias sed mauult; non in animum illas sed in domum recipit, nec respuit possessas sed continet, et maiorem uirtuti suae materiam subministrari uult.

## XXII.

1. Quid autem dubii est quin haec maior materia sapienti uiro sit animum explicandi suum in diuitiis quam in paupertate, cum in hac unum genus uirtutis sit non inclinari nec deprimi, in diuitiis et temperantia et liberalitas et diligentia et dispositio et magnificentia campum habeat patentem? 2. Non contemnet se sapiens, etiam si fuerit minimae staturae, esse tamen se procerum uolet. Et exilis corpore aut amisso oculo ualebit, malet tamen sibi esse corporis robur, et hoc ita ut sciat esse aliud in se ualentius; malam ualetudinem tolerabit, bonam optabit. 3. Quaedam enim, etiam si in summam rei parua sunt [ait] et subduci sine ruina principalis boni possunt, adiciunt tamen aliquid ad perpetuam laetitiam et ex uirtute nascentem: sic illum adficiunt diuitiae et exhilarant ut nauigantem secundus et ferens uentus, ut dies bonus et in bruma ac frigore apricus locus. 4. Quis porro sapientium — nostrorum dico, quibus unum est bonum uirtus — negat etiam haec quae indifferentia uocamus habere aliquid in se pretii et alia aliis esse potiora? Quibusdam ex iis tribuitur aliquid honoris, quibusdam multum; ne erres itaque, inter potiora diuitiae sunt. 5. 'Quid ergo' inquis 'me derides, cum eundem apud te locum habeant quem apud me?' Vis scire quam non eundem habeant locum? mihi diuitiae si effluerint, nihil auferent nisi semet ipsas, tu stupebis et uideberis tibi sine te relictus, si illae a te recesserint; apud me diuitiae aliquem locum habent, apud te summum; ad postremum diuitiae meae sunt, tu diuitiarum es.

## XXIII.

1. Desine ergo philosophis pecunia interdicere: nemo sapientiam paupertate damnauit. Habebit philosophus amplas opes, sed nulli detractas nec alieno sanguine cruentas, sine cuiusquam iniuria partas, sine sordidis quaestibus, quarum tam honestus sit exitus quam introitus, quibus nemo ingemescat nisi malignus. In quantum uis exaggera illas: honestae sunt in quibus, cum multa sint quae sua quisque dici uelit, nihil est quod quisquam suum possit dicere.

2. Ille uero fortunae benignitatem a se non summouebit et patrimonio per honesta quaesito nec gloriabitur nec erubescet. Habebit tamen etiam quo glorietur, si aperta domo et admissa in res suas ciuitate poterit dicere 'quod quisque agnouerit tollat.' O magnum uirum, <o> optime diuitem, si post hanc uocem tantundem habuerit! Ita dico: si tuto et securus scrutationem populo praebuerit, si nihil quisquam apud illum inuenerit quoui manus inicit, audaciter et propalam erit diues.

3. Sapiens nullum denarium intra limen suum admittet male intrantem; idem magnas opes, munus fortunae fructumque uirtutis, non repudiabit nec excludet. Quid enim est quare illis bono loco inuideat? ueniant, hospitentur. Nec iactabit illas nec abscondet — alterum infruniti animi est, alterum timidi et pusilli, uelut magnum bonum intra sinum continentis — nec, ut dixi, eiciet illas e domo.

4. Quid enim dicet? utrumne 'inutiles estis' an 'ego uti diuitiis nescio'? Quemadmodum etiam pedibus suis poterit iter conficere, escendere tamen uehiculum malet, sic pauper [si] poterit esse, diues uolet. Habebit itaque opes, sed tamquam leues et auolaturas, nec ulli alii eas nec sibi graues esse patietur.

5. Donabit — quid erexistis aures, quid expeditis sinum? — donabit aut bonis aut eis quos facere poterit bonos, donabit cum summo consilio dignissimos eligens, ut qui meminerit tam expensorum quam acceptorum rationem esse reddendam, donabit ex recta et probabili causa, nam inter turpes iacturas malum munus est; habebit sinum facilem, non perforatum, ex quo multa exeant et nihil excidat.

## XXIV.

1. Errat si quis existimat facilem rem esse donare: plurimum ista res habet difficultatis, si modo consilio tribuitur, non casu et impetu spargitur. Hunc promereor, illi reddo; huic succurro, huius misereor; illum instruo dignum quem non deducat paupertas nec occupatum teneat; quibusdam non dabo quamuis desit, quia etiam si dedero erit defuturum; quibusdam offeram, quibusdam etiam inculcabo. Non possum in hac re esse negligens; numquam magis nomina facio quam cum dono. 2. 'Quid? tu' inquis 'recepturus donas?' Immo non perditurus: eo loco sit donatio unde repeti non debeat, reddi possit. Beneficium conlocetur quemadmodum thesaurus alte obrutus, quem non eruas nisi fuerit necesse. 3. Quid? domus ipsa diuitis uiri quantam habet bene faciendi materiam! Quis enim liberalitatem tantum ad togatos uocat? hominibus prodesse natura me iubet. Serui liberine sint hi, ingenui an libertini, iustae libertatis an inter amicos datae, quid refert? ubicumque homo est, ibi benefici locus est. Potest itaque pecunia etiam intra limen suum diffundi et liberalitatem exercere, quae non quia liberis debetur sed quia a libero animo proficiscitur ita nominata est. Haec apud sapientem nec umquam in turpes indignosque inpingitur nec umquam ita defetigata errat ut non, quotiens dignum inuenerit, quasi ex pleno fluat.

4. Non est ergo quod perperam exaudiatis quae honeste fortiter animose a studiosis sapientiae dicuntur. Et hoc primum attendite: aliud est studiosus sapientiae, aliud iam adeptus sapientiam. Ille tibi dicet: 'optime loquor, sed adhuc inter mala uolutor plurima. Non est quod me ad formulam meam exigas: cum maxime facio me et formo et ad exemplar ingens attollo; si processero quantumcumque proposui, exige ut dictis facta respondeant.' Adsecutus uero humani boni summam aliter tecum aget et dicet: 'primum non est quod tibi permittas de melioribus ferre sententiam; mihi iam, quod argumentum est recti, contigit malis displicere. 5. Sed ut tibi rationem reddam qua nulli mortalium inuideo, audi quid promittam et quanti quaeque aestimem. Diuitias nego bonum esse; nam si essent, bonos facerent: nunc, quoniam quod apud malos deprenditur dici bonum non potest, hoc illis

nomen nego. Ceterum et habendas esse et utiles et magna commoda uitae adferentis fateor.

## XXV.

1. Quid ergo sit quare illas non in bonis numerem, et quid praestem in illis aliud quam uos, quoniam inter utrosque conuenit habendas, audite. Pone in opulentissima me domo, pone <ubi> aurum argentumque in promiscuo usu sit: non suspiciam me ob ista quae, etiam si apud me, extra me tamen sunt. In Sublicium pontem me transfer et inter egentes abice: non ideo tamen me despiciam quod in illorum numero consedero qui manum ad stipem porrigunt. Quid enim ad rem an frustum panis desit cui non deest mori posse? Quid ergo est? domum illam splendidam malo quam pontem. 2. Pone <in> instrumentis splendentibus et delicato apparatu: nihilo me feliciorem credam quod mihi molle erit amiculum, quod purpura conuiuis meis substernetur. Muta stragula mea: nihilo miserius ero si lassa ceruix mea in maniculo faeni adquiescet, si super Circense tomentum per sarturas ueteris lintei effluens incubabo. Quid ergo est? malo quid mihi animi sit ostendere praetextatus et ~causatus~ quam nudis scapulis aut ~sententis~. 3. Omnes mihi ex uoto dies cedant, nouae gratulationes prioribus subtexantur: non ob hoc mihi placebo. Muta in contrarium hanc indulgentiam temporis, hinc illinc percutiatur animus damno luctu incursionibus uariis, nulla hora sine aliqua querella sit: non ideo me dicam inter miserrima miserum, non ideo aliquem execrabor diem; prouisum est enim a me ne quis mihi ater dies esset. Quid ergo est? malo gaudia temperare quam dolores compescere.'

4. Hoc tibi ille Socrates dicet: 'fac me uictorem uniuersarum gentium, delicatus ille Liberi currus triumphantem usque ad Thebas a solis ortu uehat, iura reges ~penatium~ petant: me hominem esse maxime cogitabo, cum deus undique consalutabor. Huic tam sublimi fastigio coniunge protinus praecipitem mutationem; in alienum inponar fericulum exornaturus uictoris superbi ac feri pompam: non humilior sub alieno curru agar quam in meo steteram. Quid ergo est? uincere tamen quam capi malo. 5. Totum fortunae regnum despiciam, sed ex illo, si dabitur electio, meliora sumam. Quidquid ad me uenerit bonum fiet, sed malo faciliora ac iucundiora ueniant et minus uexatura tractantem. Non est enim quod existimes ullam esse sine labore

uirtutem, sed quaedam uirtutes stimulis, quaedam frenis egent. 6. Quemadmodum corpus in procliui retineri debet, aduersus ardua inpelli, ita quaedam uirtutes in procliui sunt, quaedam cliuum subeunt. An dubium est quin escendat nitatur obluctetur patientia fortitudo perseuerantia et quaecumque alia duris opposita uirtus est et fortunam subigit? 7. Quid ergo? non aequae manifestum est per deum ire liberalitatem temperantiam mansuetudinem? In his continemus animum ne prolabatur, in illis exhortamur incitamusque acerrime. Ergo paupertati adhibebimus illas quae pugnare sciunt fortiores, diuitiis illas diligentiores quae suspensum gradum ponunt et pondus suum sustinent. 8. Cum hoc ita diuisum sit, malo has in usu mihi esse quae exercendae tranquillius sunt quam eas quarum experimentum sanguis et sudor est. Ergo non ego aliter' inquit sapiens 'uiuo quam loquor, sed uos aliter auditis; sonus tantummodo uerborum ad aures uestras peruenit: quid significet non quaeritis.'

## XXVI.

1. 'Quid ergo inter me stultum et te sapientem interest, si uterque habere uolumus?' Plurimum: diuitiae enim apud sapientem uirum in seruitute sunt, apud stultum in imperio; sapiens diuitiis nihil permittit, uobis diuitiae omnia; uos, tamquam aliquis uobis aeternam possessionem earum promiserit, adsuescitis illis et cohaeretis, sapiens tunc maxime paupertatem meditatatur cum in mediis diuitiis constitit. 2. Numquam imperator ita paci credit ut non se praeparet bello quod, etiam si non geritur, indictum est: uos domus formosa, tamquam nec ardere nec ruere possit, insolentes, uos opes, tamquam periculum omne transcenderint maioresque sint uobis quam quibus consumendis satis uirum habeat fortuna, obstupefaciunt. 3. Otiosi diuitiis luditis nec prouidetis illarum periculum, sicut barbari plerumque inclusi et ignari machinarum segnes laborem obsidentium spectant nec quo illa pertineant quae ex longinquo struuntur intellegunt. Idem uobis euenit: marcetis in uestris rebus nec cogitatis quot casus undique immineant iam iamque pretiosa spolia latenti. Sapientis quisquis abstulerit diuitias, omnia illi sua relinquet; uiuit enim praesentibus laetus, futuri securus. 4. 'Nihil magis' inquit ille Socrates aut aliquis alius cui idem <adfectus> aduersus humana atque eadem potestas est 'persuasi mihi quam ne ad opiniones uestras actum uitae meae flecterem. Solita conferte undique uerba: non conuiciari uos putabo sed uagire uelut infantes miserimos.' 5. Haec dicet ille cui sapientia contigit, quem animus uitiorum immunis increpare alios, non quia odit, sed in remedium iubet. Adiciet his illa: 'existimatio me uestra non meo nomine sed uestro mouet, quia ~clamitatis~ odisse et lacessere uirtutem bonae spei eiuratio est. Nullam mihi iniuriam facitis, sed ne dis quidem hi qui aras euertunt. Sed malum propositum apparet malumque consilium etiam ibi ubi nocere non potuit. 6. Sic uestras halucinationes fero quemadmodum Iuppiter optimus maximus ineptias poetarum, quorum alius illi alas inposuit, alius cornua, alius adulterum illum induxit et abnoctantem, alius saeuum in deos, alius iniquum in homines, alius raptorem ingenuorum et cognatorum quidem, alius parricidam et regni alieni paternique expugnatorem: quibus

nihil aliud actum est quam ut pudor hominibus peccandi demeretur, si tales deos credidissent. 7. Sed quamquam ista me nihil laedant, uestra tamen uos moneo causa: suspicite uirtutem, credite iis qui illam diu secuti magnum quiddam ipsos et quod in dies maius appareat sequi clamant, et ipsam ut deos ac professores eius ut antistites colite et, quotiens mentio sacrarum litterarum interuenerit, fauete linguis. Hoc uerbum non, ut plerique existimant, a fauore trahitur, sed imperat silentium ut rite peragi possit sacrum nulla uoce mala obstrepente; quod multo magis necessarium est imperari uobis, ut quotiens aliquid ex illo proferetur oraculo, intenti et compressa uoce audiatis. 8. Cum sistrum aliquis concutiens ex imperio mentitur, cum aliquis secandi lacertos suos artifex brachia atque umeros suspensa manu cruentat, cum aliqua genibus per uiam repens ululat laurumque linteatus senex et medio lucernam die praeferens conclamat iratum aliquem deorum, concurritis et auditis ac diuinum esse eum, inuicem mutuam alentes stuporem, adfirmatis.'

## XXVII.

Ecce Socrates ex illo carcere quem intrando purgavit omnique honestiorem curia reddidit proclamat: 'qui iste furor, quae ista inimica dis hominibusque natura est infamare uirtutes et malignis sermonibus sancta uiolare? Si potestis, bonos laudate, si minus, transite; quod si uobis exercere taetram istam licentiam placet, alter in alterum incursitate. Nam cum in caelum insanitis, non dico sacrilegium facitis sed operam perditis. 2. Praebui ego aliquando Aristophani materiam iocorum, tota illa comicorum poetarum manus in me uenenatos sales suos effudit: inlustrata est uirtus mea per ea ipsa per quae petebatur; produci enim illi et temptari expedit, nec ulli magis intellegunt quanta sit quam qui uires eius lacessendo senserunt: duritia silicis nullis magis quam ferientibus nota est. 3. Praebeo me non aliter quam rupes aliqua in uadoso mari destituta, quam fluctus non desinunt, undecumque moti sunt, uerberare, nec ideo aut loco eam mouent aut per tot aetates crebro incursu suo consumunt. Adsilite, facite impetum: ferendo uos uincam. In ea quae firma et inexsuperabilia sunt quidquid incurrit malo suo uim suam exercet: proinde quaerite aliquam mollem cedentemque materiam in qua tela uestra figantur.

4. Vobis autem uacat aliena scrutari mala et sententias ferre de quoquam? "Quare hic philosophus laxius habitat? quare hic lautius cenat?" Papulas obseruatis alienas, obsiti plurimis ulceribus? hoc tale est quale si quis pulcherrimorum corporum naeuos aut uerrucas derideat quem foeda scabies depascitur. 5. Obicite Platoni quod petierit pecuniam, Aristoteli quod acceperit, Democrito quod neglexerit, Epicuro quod consumpserit; mihi ipsi Alcibiaden et Phaedrum obiectione, ~o uos usu~ maxime felices, cum primum uobis imitari uitia nostra contigerit. 6. Quin potius mala uestra circumspectis, quae uos ab omni parte confodiunt, alia grassantia extrinsecus, alia in uisceribus ipsis ardentia? Non eo loco res humanae sunt, etiam si statum uestrum parum nostis, ut uobis tantum otii supersit ut in probra meliorum agitare linguam uacet.

## XXVIII.

1. Hoc uos non intellegitis et alienum fortunae uestrae uultum geritis, sicut plurimi quibus in circo aut theatro desidentibus iam funesta domus est nec adnuntiatum malum. At ego ex alto prospiciens uideo quae tempestates aut immineant uobis paulo tardius rupturae nimum suum aut iam uicinae uos ac uestra rapturae propius accesserint. Quid porro? nonne nunc quoque, etiam si parum sentitis, turbo quidam animos uestros rotat et inuoluit fugientes petentesque eadem et nunc in sublime adleuatos nunc in infima adlisos cir \* \* \* ?'

# Bonus

Espero que tenha gostado deste ensaio. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

***Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.***

## Sobre o autor

**Lúcio Aneu Sêneca**, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem

imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

## **Obras filosóficas de Sêneca:**

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)

- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

## Obras [Filosóficas](#)

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropeédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



# I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

# LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa*

*gratior et pulchro veniens e corpore virtus.*<sup>1</sup>

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos<sup>2</sup>? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode

diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constringe e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição<sup>3</sup>. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada

caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris<sup>4</sup>, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?"

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois

todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à deseabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos,

mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil<sup>5</sup>. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento,

depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todas elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o

mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor

não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio<sup>6</sup>, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

**Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.**

---

## **NOTAS:**

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma

fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivocou e assassinou uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessou que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

# Sumário

Introdução – Nota do tradutor

Sobre a tradução

Da Vida Feliz

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX  
XXI  
XXII  
XXIII  
XXIV  
XXV  
XXVI  
XXVII  
XXVIII

AD GALLIONEM, DE VITA BEATA

I.  
II.  
III.  
IV.  
V.  
VI.  
VII.  
VIII.  
IX.  
X.  
XI.  
XII.  
XIII.  
XIV.  
XV.

XVI.  
XVII.  
XVIII.  
XIX.  
XX.  
XXI.  
XXII.  
XXIII.  
XXIV.  
XXV.  
XXVI.  
XXVII.  
XXVIII.

Bonus

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Sumário

Cronologia

# Cronologia

Para a maioria das obras de Sêneca não podemos dar datas definitivas

138-78 aC	Lucius Cornelius Sulla.
106-43 aC	Marcus Tullius Cicero.
100-44 aC	Gaius Júlio César.
55 aC	pai de Sêneca, nasce em Corduba, Espanha.
31 aC	Derrota de Antonio na batalha de Actium, final da República.
31 aC-14	Principado de Augusto.
1 aC	Sêneca nascido em Corduba; educação em Roma em retórica e filosofia.
14-37	Principado de Tibério; Sêneca vai para o Egito por razões de saúde.

31	Seneca volta para a Itália; prossegue uma carreira política, eventualmente tornando-se um questor.
37-41	Principado de Caligula; Sêneca escreve a Consolação para Marcia
39	Sêneca desperta o ciúme de Caligula e é ameaçado com execução.
41	Sêneca acusado de adultério com Julia Livilla (irmã de Caligula); exilado para a Córsega até 49. Escreve Consolação para Helvia e Consolação a Polybeus.
41-54	Principado de Claudius.
49	O retorno de Sêneca a Roma é garantido por Agripina; torna-se tutor para seu filho, o jovem Nero, assim como o pretor. Provável que escreve “Sobre a Ira”, “Sobre a Tranquilidade da Alma” e “Sobre a brevidade da vida”
54-68	Principado de Nero. Escreve “Sobre a Vida Feliz”
54-62	Consultor principal de Nero (juntamente com Burrus, prefeito da Guarda pretoriana).
55	Nero envenena seu irmão mais novo, Britannicus
55-6	Escreve “Sobre a Misericórdia”
58-9	Escreve “A Vida Feliz”

59	Nero mata sua mãe, Agripina. Escreve “Sobre lazer.”
62	Morte de Burrus. Sobre Benefícios. Sêneca se aposenta da vida pública. Provavelmente escreve “Sobre a Providência”, “Perguntas naturais” e “Cartas para Lucílio” neste período.
65	Sêneca comete suicídio, sob ordens de Nero, depois de ter sido implicado, erroneamente, na conspiração pisoniana contra o imperador.